ILUSTRAÇÃO

N.º 257 — 11.º ano

-SETEMBRO-1936

PREÇO-5 escudos

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num indice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

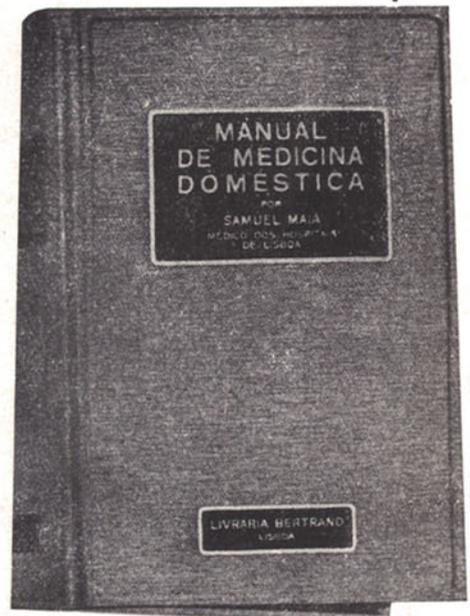
Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nítidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena raínha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado ... **Esc. 8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 30 – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O mal-estar, abatimento e dôr de cabeça que nos atacam em certos dias húmidos e de grande calor, têm a sua origem numa alteração da circulação do sangue, que provoca um desiquilibrio geral.

Cafiaspirina

é o remédio mais adequado que existe contra êsse mal-estar do calor, porque tem uma acção regularizadora sôbre o sistema circulatório, restabelecendo, portanto, o equilibrio orgânico. Por consequência, não só faz desaparecer as dôres de cabeça, como tambem descongestiona os centros afectados, levanta as fôrças e proporciona uma agradável sensação de bem-estar.

BAYER

UM ROSTO MARAVILHOSO

Apenas

Por Alguns Escudos

Acabaram-se os Narizes Luzidios ou os rostos pálidos e gordurosos!

A «Mousse de Crème» torna o Pó mais aderente. Fá-lo conservar-se durante o dia inteiro a-pesar-das rajadas de vento, dum dia de chuva ou da transpiração provocada pela dança. — A «mousse de crème» actua também como um tónico da pele que ajuda assim a desembaraçar-se dos poros dilatados e doutras imperfeições do rosto. —

Os compactos Tokalon contêm agora a «mousse de créme». O Pó e o Rouge são ambos muito aderentes. Qualquer cousa de novo, de diferente, de melhor.

À venda em tôdas as perfumarias e boas casas da especialidade. Não encontrando, escreva ao Depósito **Tokalon** — 88, Rua da Assunção, **Lisboa** — que atende na volta do correio.

■

PÓ TOKALON

O Pó de Arroz Estilizado

ESTÁ À VENDA A

7.ª EDIÇÃO — 11.º milhar

LEONOR TELES

"FLOR DE ALTURA"

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 334 págs., broc. . . . . **Esc. 12$00**

Pelo correio à cobrança . . **Esc. 14$00**

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um romance formidável!

SEXO FORTE

por SAMUEL MAIA

3.ª ed. Êste romance de Samuel Maia, dum vigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paìsagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, espécie de génio sexual (na expressão feliz do neuriatra Tanzi), de cujo corpo parece exalar-se um fluido que atrai, perturba e endoidece todas as mulheres. Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escritores contemporâneos — ***Júlio Dantas.***

1 volume de 288 páginas, broch. . . . **10$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE SAÍR

o 5.º volume

CAMÕES LÍRICO

(CANÇÕES)

PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

Este volume completa a obra **Camões Lírico**, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. .... **12$00**

Pelo correio à cobrança.................................... **14$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Está à venda a 10.ª edição da novela

DOIDA DE AMOR

DE ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 volume brochado .... **Esc. 12$00**

Pelo correio, à cobrança, **Esc. 13$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um grande sucesso de livraria

DONA SEM DONO

Romance de Samuel Maia, o consagrado autor do "Sexo Forte"

1 vol. de 320 pags., com uma sugestiva capa a côres, broch. Esc. 12$00; encad. Esc. 17$00; pelo correio à cobrança mais 1$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ESTÁ À VENDA O

ALMANAQUE BERTRAND

para **1937**

38.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Unico no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 406 gravuras cartonado... **10$00**

Encadernado luxuosamente... **18$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

FLIT MATA TODOS OS INSECTOS!

Quando a peste dos insectos invadir o vosso lar, só o Flit poderá destrui-los. O jacto do Flit não mancha. Usando o Flit, livrais a vossa casa de doenças e infecções causadas pelos insectos. Exija sempre a lata amarela selada com a gravura do soldado e a lista preta, pois é a que contem o genuino Flit.

FLIT
Kills Flies Mosquitoes Cockroaches Bugs Moths Ants
Flit spray will not stain

FLIT POWDER
Kills

Polvilhe com PÓ FLIT todas as fendas do chão, e assim matará todos os vermes que nelas existirem.

FLIT — o insecticida que mata sempre!

E' a de Santo Amaro de Oeiras a praia que prefere?

Compare o que lhe custa uma viagem isolada e o que lhe custa a mesma viagem com assinatura em séries de 52 viagens, que podem ter inicio em qualquer dia do mês:

	2.ª classe	3.ª classe
1 viagem isolada de ida e volta custa.........	**8$05**	**5$35**
A mesma viagem de ida e volta custa aos possuidores de		
1 cartão para 26 viagens válido por 1 mês...	**6$24**	**4$07**
2 cartões » 52 » válidos por 2 mêses	**5$74**	**3$76**
3 » » 78 » » » 3 »	**5$26**	**3$44**
4 » » 104 » » » 4 »	**4$86**	**3$17**

Se fôr a Santo Amaro de Oeiras com assinatura		2.ª classe	3.ª classe
26 vezes num mês....	ECONOMISA	**47$30**	**33$35**
52 » em 2 mêses.	ECONOMISA	**119$80**	**83$05**
78 » » 3 »	ECONOMISA	**21$785**	**149$30**
104 » » 4 »	ECONOMISA	**33$250**	**226$80**

Sendo passageiro de 2.ª classe, se fôr a Santo Amaro de Oeiras mais de

21 vezes num mês ....
38 » em 2 mêses..........
51 » » 3 » ....
63 » » 4 » ....

Compre uma assinatura

Sendo passageiro de 3.ª classe, se fôr a Santo Amaro de Oeiras mais de

20 vezes num mês ....
37 » em 2 mêses..........
51 » » 3 » ....
62 » » 4 » ....

Compre uma assinatura

Dirija-se à Estação do Caminho de Ferro no Cais do Sodré se pretender mais esclarecimentos

---

Prémio Ricardo Malheiro

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TITÚLOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Snr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . **12$00** enc. . . **17$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a GÔTA, a SCIÁTICA os REUMATISMOS

Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem artritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

Á venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: — 2 0535

N.º 257 — 11.º ANO
1-SETEMBRO-1936

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

CRÓNICA DA QUINZENA

O mês de Setembro, que ainda conhecemos com as suas manhãs frescas mas serenas e os seus dias luminosos e tépidos, está tão mudado como o mundo. Apresenta-se-nos tão calmoso como qualquer Julho de outras eras sem nos dar a perceber a aproximação do equinócio do Outono. Dir-se-ia que êste volúvel Setembro pôs de parte os seus tradicionais mistérios eleusinos para se divertir com os disparatados mistérios dos seus caprichos.

Enfim, acabou-se — e seja o que Deus quizer...

As vindimas hão de efectuar-se na forma do costume para riqueza do torrão natal e plena satisfação dos que não podem passar sem o seu copo de verdadeiro sumo da uva.

Anacreonte, que tanto apreciava os vinhos capitosos de Chios, se tivesse conhecido os vinhos portugueses, as suas odes redobrariam de número e ainda com maior inspiração.

O próprio Omar Khayyam, que há novecentos anos encantou a Pérsia com as suas redondilhas de culto ao vinho, se tivesse passado pelo nosso Douro, num dia de vindimas, sentiria mais profundamente aquelas suas formosas quadras que, apesar da neve de nove séculos continuam a manter a chama do entusiásmo:

O vinho é o mágico filtro
da alegria e da saúde:
em seus eflúvios benditos
voltarás à juventude.

Compára êsse vinho róseo
ao sorrir duma donzela:
a taça — repara bem —
semelha-se aos lábios dela!

Eu não creio na pureza
de qualquer afecto antigo;
para mim, o vinho novo
é o meu mais velho amigo!

Quando se acercar a Morte,
a dar-me o golpe fatal,
seja o cântico do vinho
a minha prece final.

Em vez de incensos e mirra,
seja vinho a minha unção;
e fazei-me com videiras
as tábuas do meu caixão.

Na minha campa haverá
um tal perfume de vinho,
que ha de chegar a embriagar-se
quem fizer ali caminho.

Reinará também ali
uma tal serenidade,
que os amantes que passarem
podem beijar-se á vontade.

Que deliciosos poemas teriam brotado da inspiração candente do poeta persa, se êste nos tivesse visitado!

Foi pena, lá isso foi — mas agora não tem remédio, a menos que a Pérsia produza outro grande génio que se aventure a escrever um novo *Rubaiyat*.

Emquanto esperamos, vamos assistir ás vindimas neste delicioso e pacífico Portugal. Á falta de poetas teremos vinicultores abalisados, e à falta de coroas de louros, enramilhetar-lhes-emos as frontes com pâmpanos virentes que, no fim de contas, darão o mesmo resultado. Desde que os ramos de louro deixaram de simbolizar o génio para indicar onde se vende o vinho, não será descabido dar à folhagem da videira o simbolismo do talento.

Troca por troca.

No regresso das vindimas trataremos de saber então o que foi feito dessa pobre humanidade que se agita destrambelhadamente aos bordos, dando a impressão de que se encontra embriagada, apesar de não ter realizado ainda a sua colheita de uvas.

De Espanha sopra um mau vento trinta vezes mais perigoso do que a filoxera. Felizmente que sulfatamos a tempo a nossa vinha, caso contrário, apanhados assim de surpresa, não haveria calda bordalesa que lhe valesse.

Sôbre a França passa uma aragem de incerteza que faz gelar os corações.

Entretanto, a Itália e a Alemanha vão efectuando as suas vindimas, o mais aproveitadamente que lhes vai sendo possível. O vinho capitoso que tantas vezes deu sonhos lindos á Rainha de Sabá fazia falta na vasta garrafeira de Roma. O Négus possuia ainda algumas pipas que aferrolhava avaramente nas suas adegas lôbregas e bafientas, arejadas agora pelos entendidos italianos. Por sua vez, a Alemanha, apesar de possuir boas marcas de vinho de seu fabrico, e de poder, graças ao engenho dos seus sábios, engendrar excelente vinho sem uvas, não dispensava um copinho do Rheno no fim das refeições. Por isso quebrou os selos apostos na sua adega pelo Tratado de Versalhes, e ampliou a letra dos convénios com a engenhosa solução do "facto consumado".

A Inglaterra, grande entendedora de todos os vinhos dêste mundo, assiste à cerimónia da prova com a sua tradicional fleugma — até que lhe convenha tirar a sua prova também. Na sua qualidade de protestante não se preocupará com o calendário católico que concede o dia 11 de Novembro ao S. Martinho.

A sua prova será feita no momento que julgar azado e de forma que o seu vinho não perca um só grau da sua acidez.

Até lá, tenhamos confiança na nossa vindima, tanto mais que êste ano não deve ser dos piores. Por muito que se apregôem os vinhos de Bordeus, Xerez ou Borgonha, não há nenhum que se compare com o da autêntica cêpa portuguesa.

PARA AS MEMÓRI DO ILUSTRE PONGO

UM MACACO SABIO Q DISCORDAVA DE DARWIN

segundo o testemunho fri imparcial de Eça de Queiroz

Quando Eça de Queiroz, concluidas as suas digressões pelo Oriente, se instalou como consul de Portugal em Newcastle, julgou chegado o momento de aceder aos instantes pedidos do seu amigo Anselmo Evaristo de Morais Sarmento que, do Porto, lhe pedia colaboração para o jornal "Actualidade".

Escreveria, de tempos a tempos, crónicas sôbre os mais notáveis acontecimentos britânicos, e, embora exilado nessa encarvoiçada Newcastle que detestava, as suas correspondências intitular-se-iam "Cartas de Londres".

Só a primeira carta, datada de 14 de Abril de 1877, veio assinada com as iniciais E. Q. que o insigne romancista usava, impressas a vermelho, no papel da sua correspondência particular. As restantes ficaram no anonimato, atendendo ás funções consulares do seu autor que não se coïbia de debicar nas mais altas personalidades da política britânica.

A autenticá-las estava, além da prosa inconfundivel de Eça de Queiroz, a paciência beneditina de Matos Angra, e Firmino Pereira, revisores da "Actualidade", *que declararam suar, por vezes, para decifrar a letra do grande escritor.*

Numa dessas magnificas cartas, depois de tratar dos aflitivos lances da guerra russo-turca e da misteriosa atitude da Inglaterra, depois de jogar os costumados remoques ao marechal Mac-Mahon, e de esmiuçar o escândalo provocado por Adelina Patti na côrte londrina, Eça de Queiroz prepara-se para dar uma grande notícia aos seus leitores.

E, nessa intenção, a guardou para o fim, à guisa de sobremesa requintada.

Diz então:

A grande novidade em Londres é a chegada de um hóspede ilustre — o sr. Pongo.

Quem é o sr. Pongo?

O ilustre «Pongo»

É uma personagem em que todo o mundo fala, por quem as mulheres andam entusiasmadas, cuja fotografia se vende a cada canto, e cujas acções mais insignificantes são registadas em tipo graúdo pelos jornais mais sérios.

O sr. Pongo, não é um principe, nem um general, nem um escritor, nem um descobridor, nem sequer um rabequista — é simplesmente um macaco! Mas que macaco! E' um gorila — o primeiro vindo á Europa! Este ilustre hóspede que esteve primeiro em Berlim, que deu lugar a troca de notas entre o govêrno inglês e o alemão, a respeito da sua posse, chegou a Londres, onde é objecto dum fanatismo insensato.

O sr. Pongo (é assim que é geralmente conhecido) tem quatro anos de idade, ainda não entrou no período de dentição, já tem *três pés* e *três quartos* de altura, e os seus músculos são duma extrema força e agilidade. Comia ordinàriamente farináceos e frutas, mas, ultimamente, o seu guarda, tendo-lhe dado um pedaço de bife, notou que Pongo o devorava com singular apetite.

Começaram a dar-lhe carne e água: come tudo o que come um *gentleman:* o seu almoço é como o de qualquer de nós — ovos e costeletas ou *beef-steak*.

Ao princípio só bebia água, mas chegou-se á conclusão de que poderia beber tudo — desde Bordeus até *Moete-Chandon:* a sua bebida favorita, porém, é a cerveja. Depois dos repastos dão-lhe um charuto, que êle fuma, deitando o fumo pelo nariz. A sua fisionomia é tão inteligente, tão viva que, sem falar, compreende-se tudo o que êle quere dizer pela vivacidade de brilhante do olhar e pelo movimento dos beiços. Apesar de não se exprimir, parece compreender certas expressões humanas: assim, quando ouve uma grande gargalhada, aplaude com as mãos, ri, e parece cheio de júbilo. Mas o que há de mais humano é o instinto, próprio das crianças, de levar tudo á bôca: assim, se lhe dão um lápis, antes de tratar de escrevinhar, leva o lápis á bôca — como um *baby.*

O gorila, é como sabem, o animal do qual o homem provém directamente, segundo as teorias modernas. Até aqui nunca fôra possível caçar um vivo, — e explica-se o interesse fanático que excita em Londres a presença dêste nosso venerável antepassado.

Milhares de pessoas, afluem a admirar esta espécie de homem primitivo, que há alguns mil anos era o que havia de mais perfeito na superfície da terra, e era então o rei da criação!

Um momento de irritação

Quem sabe se daqui a alguns mil anos, quando a raça humana, tal qual é hoje, tiver quási desaparecido para dar lugar a uma forma humana mais perfeita, um sábio então não encontrará, nos desertos ou nos bosques, um *último homem*, e que não virá expô-lo em triunfo, nalgum Londres dessa época?

E os seres mais perfeitos de então virão contemplar o seu antepassado, o *homem*, como nós contemplamos hoje o nosso antepassado, o gorila!

Segundo os especialistas, o que há de mais notável nêste gorila, é que não tem pêlo, o que prova, creio, que a *sua* raça é justamente a imediata antes do homem...

Realmente, a não ser a sua escura côr, nada o distingue de um homem feio, com a barba por baixo do queixo.

O sr. Pongo, naturalmente, não está preso: vive num pequeno parque (no Aquário de Westminster(que lhe foi destinado.

A multidão não parece importuná-lo: de resto, todas as medidas estão tomadas para que o não molestam. O sentimento geral quando a gente o vê, é de pasmo e de melancolia.

A sua face, a sua figura, os seus gestos, a maneira, de se sentar, de passear encostado á bengala, são tão humanos — ia quási a dizer tão modernos — que sentimos uma espécie de veneração por aquêle avô da raça humana, e um certo desdem por nós mesmos, que alguns mil anos antes eramos apenas *aquilo!*

O que mais o importuna, a meu entender, são as mulheres.

As inglesas, que positivamente são doidas, estão apaixonadas em massa pelo gorila. Um jornal, hoje, contava que ontem foi necessário arrancá-lo dos braços duma senhora, que o devorava com beijos e não o queria largar, declarando que era *encantador*. O gorila que é ainda, infante, e não chegou á idade do sentimento, parece apreciar mediocremente estes excessos de ternura. Noutro dia, encheu de bofetadas uma *miss* que lhe estava a *fazer ôlho.*

E esta lição de moralidade e conveniência, dada por um macaco a uma senhora, aumentou singularmente o meu respeito pelo simpático *Pongo.*

O único receio do povo de Londres é que môrra. Receia-se o inverno — mas até agora, dorme bem, almoça o seu *bif-tek*, janta sopa, roast-beef e sobremesa, fuma três ou quatro charutos por dia, palita os dentes, dorme a sésta — e faz tudo o que faz qualquer inglês, excepto ter uma opinião sôbre a questão do Oriente, o que é, penso eu, uma qualidade a seu favor!

Charles Darwin

Noutra carta, Eça de Queiroz não se esquece do simpático gorila, rematando:

Notícias do amigo Pongo.

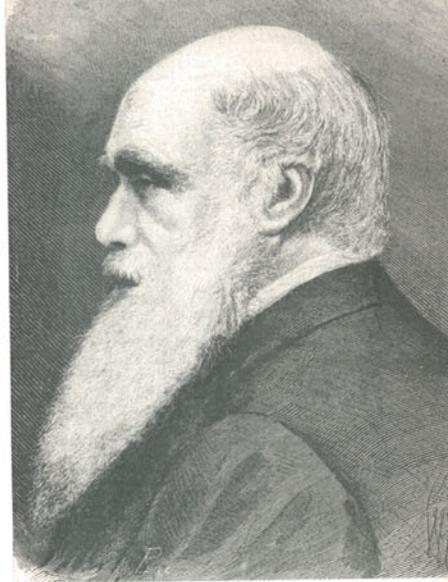
Está óptimo. Como parecia aborrecer-se bastante, os sábios que o vigiam zelosamente, resolveram cercá-lo de alguma sociedade. Vieram dos jardins zoológicos três chimpanzés para lhe fazerem — ia quási a dizer a partida de whist — para lhe fazerem companhia ao jantar, e falarem das queridas florestas de África. Um dos chimpanzés é engraçado como um *clown*, e estroina como um lord: desde a sua chegada, a casa do amigo Pongo, ressôa de gritos, vacila com os pulos, vibra de todo com a ágil, espirituosa, ladina inquietação do faceto chimpanzé. Pongo aprecia esta vivacidade, e tem por êle uma estima reflectida e protectora: faz em geral aos seus três hóspedes as honras da casa, com benevolência, mas as delicadezas mais especiais são para êsse chimpanzé: se lhe dão charutos, oferece-lhe sempre o maior; há dias, deram-lhe um chapéu, e o excelente Pongo foi logo enterrá-lo na cómica cabeça do seu amigo, recuando um pouco, depois, para saborear a pilhéria daquela *toilette* humana. Quando bebe, passa-lhe logo em seguida o copo, gravemente, com um sorriso. Agora, Mr. Pongo detesta Darwin!

Darwin é, como sabem (e quási ridículo é, lembrá-lo) o grande filósofo e naturalista que primeiro estabeleceu a teoria da descendência do homem, e declarou-o nascido directamente do macaco.

Parecia natural que Pongo, vendo pela primeira vez o sábio ilustre, que lhe deu uma tão alta posição na criação fazendo-o pai do género humano, lhe daria, ao menos, um *shake-hands* cordial. Pois não, senhor! Detesta-o com uma ingratidão africana, apenas o avista, franze a testa, arreganha os dentes, fita-o, volta-lhe as costas.

E, todavia, se há uma doce e bela fisionomia é a de Darwin com a sua barba branca! A amizade de Pongo é pelo ilustre professor Tyndall, quando o vê atira-se-lhe aos braços, e com uma ideia infame da limpeza do grande sábio, começa a catá-lo com frenesi! E o que Tyndall ri!

Comoveu-me há dias ver Darwin e Tyndall e outros sábios famosos, honra e esplendor da Humanidade, virem fazer a sua visita de amizade a êste venerável avô da raça humana!

Mas, francamente, a atitude do gorila para com Darwin chocou-me. Estimo-o talvez menos. E a única explicação é esta: Pongo conhece que Darwin o declarou pai do homem: e Pongo que jà tem viajado muito, que conhece a população tôda de Londres, que tem feito observações prolongadas sôbre o homem, está furioso com Darwin e com a sua teoria.

Um ilustre antepassado

O quê?! — pensa êle — êste ser de chapéu alto e luneta no ôlho, que paga um *shelling* para me vir vêr, é que é o meu descendente? E' a isto que Darwin chama um gorila aperfeiçoado? Mas êsse sabio não tem então escrúpulo em lançar uma nódoa infamante na respeitável classe dos gorilas? Esse sabio é um mau homem!

E volta-lhe as costas. A razão é clara: êle não o considera um observador profundo, acha-o um reles caluniador!

Entretanto, chegou o Inverno — a terrível estação que os londrinos tanto receavam para a saúde do seu querido Pongo — e Eça de Queiroz remata a sua nona carta de 10 de Dezembro com a pungente novidade:

Agora, uma notícia triste: o nosso amigo Pongo o ilustre gorila, morreu. Foram chamados os médicos mais ilustres, mas os seus dias estavam contados pelas Parcas que se ocupam de macacos.

Pensou-se, a princípio, que o clima, a nostalgia, ou talvez o tédio o teriam morto, mas os anatomistas, que o abriram para o estudarem, mostraram que o mal que o destruiu tinha uma coisa bem mais natural num macaco: dentro do estômago do ilustre Pongo acharam-se pregos, um pequeno canivete, rôlhas, uma luneta, uma luva, um cabo de guarda-sol e outras curiosidades.

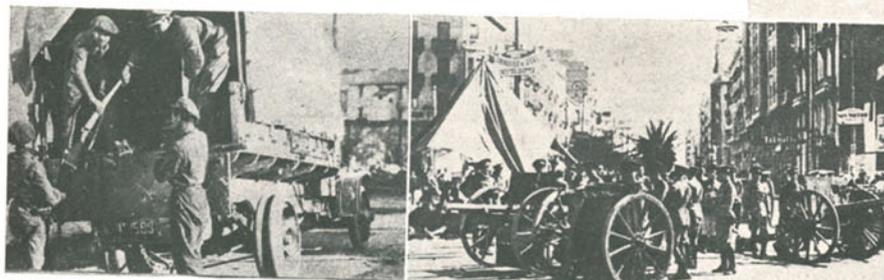
Êste avô da raça humana não tinha da escôlha dos seus alimentos, nem mais discernimento, nem mais dignidade que um qualquer reles macaco, de meia moeda o casal.

Grande desilusão!

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

DOCUMENTOS QUE A OBJECTIVA FOTOGRÁFICA FOCOU

O rescaldo do combate travado em Toledo, logo após a eclosão do movimento nacionalista. O ataque ao Alcazar, reduto das tropas nacionalistas

Fôrças revoltosas entram em Cantillana. A' falta de melhor sinal de rendição, uma mulher sai à rua a desfraldar uma toalha branca

Uma distribuïção de armas aos civis numa das ruas de Madrid. — A' direita: Os ultimos retoques no material que segue para a frente do Guadarrama, onde continua a combater-se com ardor

O estado a que ficou reduzida a igreja de Santa Ana em Barcelona, e que causa arrepios por tanta selvajaria

Fôrças revoltosas patrulhando as ruas de Sevilha num absoluto à vontade que dá a certeza de terreno conquistado. A' direita: milicianos marxistas seguindo para a base de concentração ordenada pelo quartel general governamental

Em cima: um submarino revoltoso dá caça a um cruzador governamental em águas marroquinas. — Ruínas do templo de S. Pedro em Barcelona. — A' direita: dois oficiais revoltosos seguindo sob prisão para o cárcere de Barcelona, onde aguardarão o julgamento, isto é, o fusilamento. — Em baixo: Entêrro dos mortos da frente do Guadarrama, onde a luta se desenvolve numa fase que os técnicos consideram decisiva para o esfôrço dos nacionalistas

O estado a que ficou reduzido em Sevilha um carro eléctrico que conduzia fôrças governamentais. Todos êsses destroços dão a ideia da ferocidade da luta que tem por divisa: «mata-o, ou êle te matará!» — Em baixo: um mecânico coloca bombas num avião para um próximo bombardiamento. Apesar de tudo, as fôrças nacionalistas vão avançando para a redenção duma pátria

A grandiosa romagem à Batalha

No dia 14 de Agosto, a Alma Portuguesa, incarnada em milhares de romeiros de tôdas as idades, tomou o rumo da Batalha, afim de comemorar a data festiva da vitória de Aljubarrota. Em cima, vemos o sr. Presidente da República, Chefe do Govêrno, ministros e outras entidades oficiais junto à histórica capelinha que simboliza a redenção da Pátria. A' direita, as mesmas entidades, com o Bispo de Leiria, na Sala do Capítulo, do grandioso mosteiro da Batalha, junto do túmulo do Soldado desconhecido. Ali, sob a Chama da Pátria que acaricia as vetustas abóbadas, a Alma Lusitana eleva-se na mesma fé inquebrantável que a agitava há cinco longos séculos, quando o Mestre de Aviz consolidava em Aljubarrota a obra gloriosa de Ourique.

Um aspecto do imponente cortejo na Batalha. Eis a grandiosidade de uma Pátria que sabe e pode confiar nos seus destinos. Nesta manifestação não houve espectadores movidos apenas por mera curiosidade, houve portugueses de lei, impelidos pela sinceridade impressionante do seu patriotismo. Nessa multidão de bandeiras verde-rubras evocavam-se as côres da flâmula de S. Jorge, de D. João I e o brilho deslumbrador da Cruz de Cristo, formando a constelação bendita da grandeza nacional. — A' direita, jovens em trajos regionais, entoam hinos que são preces de amor pátrio e confiança no futuro. E êsses cânticos suaves parecem encontrar eco, hoje mais que nunca, nas abóbadas do mosteiro da Batalha que tantas tradições encerra.

Eis o desfile das Juntas de Freguesia que também fazem parte do organismo da nossa terra. Hasteiam os estandartes gloriosos da mais bela tradição portuguesa. — A' direita, desfila a infância das escolas de onde surgirão os portugueses de àmanhã, que, à semelhança dos seus antepassados, saberão defender a Pátria até dar a vida por Ela. Eis, pois, o alto significado da grandiosa romageem à Batalha, tão firme, tão unida e confiante, que até parecia comandada pelo próprio Nun'Alvares. E o Santo Condestabre estava lá. Pelo menos a nossa fé viu-o nitidamente ao pé de nós.

NA VASTIDÃO ATLANTICA

DE LISBOA À MADEIRA

A bordo do "Niassa" — Janeiro, 15. — O transbordo em frente de Paço de Arcos.

Sigo o almirante...

Subo a escada, entro o portaló, piso as alcatifas dum salão. O almirante entrega um papel almasso, com letras rôxas, ao capitão do navio; diz-lhe não sei o quê... E vai-se.

Abalamos. Não se distinguem já as margens do rio. Chove. Céu, terra e mar confundem-se na treva. Nem uma estrêla reluz.

O "Niassa" é sacudido pelas vagas.

Descendo, para o jantar, encontro Cristóvão Aires.

— É a primeira vez que embarca?

— Tenho *embarcado* muitas... Mas, em navio, é a primeira...

— E não enjoou ainda! É um cavaleiro do mar...

— Fácil para quem viveu sempre em tempestade...

Sorrimos ambos, porque o sorriso é uma linguagem cómoda e simpática.

— E o meu amigo para onde vai? — pregunto por minha vez.

— Vou para a Madeira, a conferências de arte. E hei de fazer uma crónica, em que falarei de você... Talvez uma entrevista. Se...

E voltámos a sorrir.

Os pratos soltam-se dos encaixes, as jarras tombam, os talheres tilintam sôbre a mesa varrida. A sala fica quási deserta; nem uma senhora; dos homens, raros persistem. O "jazz-band" atordôa, o mar brame.

Converso com o sr. bispo de Moçambique.

— Quantas viagens, reverendíssima?

O bispo D. Rafael perdeu-lhe a conta; é um velho missionário de África. Alto, desempenado, com os seus cinqüenta e tantos, barbas já pigarças, voz bem timbrada, olhos expressivos. É certa severidade de semblante e de porte, temperada pelo seu cargo de almas.

Sáio para a sala de fumo; gozo do seu agasalho e confôrto até à meia noite, com dois ingleses do comércio, três roceiros e Cristóvão Aires.

Antes de recolher, vou até à amurada, amparando-me, nos baldões, às colunas da coberta. Esqueço-me, contemplando a tormenta.

O furacão da vida passa!

E encharco-me de bátegas de chuva, sondando a cerração...

Dans une mer sans fond, par une nuit sans lune,
Sous l'aveugle Océan...

Dia 16. — Acordo ao romper de alva. O navio já não range. Da prateleira superior do beliche, onde estou deitado, alcanço, pela vigia, o mar, ainda agitado, mas não proceloso. E uma esteira de luz anuncia o sol.

No tombadilho a faina da baldeação não permite passeio. Refugio-me no salão de barbear. O mestre ri da minha barba crescida. Tenho a franqueza de lhe dizer que venho de quinze dias de cama e febre. E há uns fregueses que acham imensa graça.

Quantos figurões dêstes ficarão em Portugal.

Ao pequeno almôço já muitos dos enjoados voltam com bom apetite.

E como o mar abonançou, todo o dia o "spardeck" é palmilhado pelos passageiros. A melhor abrigo, as senhoras, aninhadas em cadeiras de verga ou estendidas em cadeiras de lona, conversam, leem ou interrogam a líquida amplidão...

Corre o dia, e ainda que, pela primeira vez me encontre no mar largo, nenhuma profunda impressão da grandeza oceânica. Uma visão mais alta prende o meu olhar. Desgarrada, a minha alma anda com ela ausente. E quando só o raciocínio me guia, tudo é frio e pesado; as horas são-me contadas, minuto a minuto. Horas contadas — dia perdido...

O dr. Lopes de Oliveira, autor desta reportagem

Declina o sol. De novo a sombra desce. Mas não pode trazer mais noite ao meu coração...

Éternité, néant, passé, sombres abimes,
Que faites-vous des jours que vous engloutissez?

Dia 17. — Novo dia.

— Está à vista Porto Santo!

E o meu coração acorda antes que se descerrem meus olhos.

Tôda a epopeia das descobertas fulge. Fremente, revive o passado. As velas, esfarrapadas pelos vendavais, batem ao sol da glória...

E pôde o "Niassa" seguir o sulco das caravelas, sem que o alvorôço heroico gerasse a vertigem sagrada, vibrando em deslumbramentos!

Mas quantas vezes eu o percorri, com historiadores e cronistas, na ânsia destas paragens do sul!

O que fechou o horizonte ao meu pensamento?

A paixão da liberdade é a suprema paixão!

João Gonçalves Zarco!

"...que o Infante mandou a descobrir... Antes que chegassem à costa de África, saltou com êles tamanho temporal, com fôrça de ventos contrários à sua viagem, que perderam a esperança das vidas, por o navio ser tão pequeno e o mar tão grosso que os comia, correndo a árvore sêca à vontade dêle. E como os marinheiros naquele tempo não eram costumados a se engolfar tanto no pégo do mar, e tôda a sua navegação era por por singraduras sempre à vista de terra, e segundo lhes parecia eram muito afastados da costa do Reino, andavam todos tão turbados e fóra de seu juizo, por o temôr lhes ter tomado a maior parte dêles que não sabiam julgar em que paragem eram. Mas permitiu a piedade de Deus que o tempo cessou, e posto que os ventos lhes fizeram perder a viagem que levavam, segundo o regimento do Infante, não os desviaram da sua boa fortuna, descobrindo a ilha, que chamamos agora de Porto Santo, o qual nome lhe eles então puseram, porque os segurou do perigo... Com a qual nova sem ir mais avante se tornaram ao Reino..."

Assim conta João de Barros.

O infante D. Henrique "convertia-se a Deus, dando-lhe muitas graças, pois lhe aprouvera ser ele o primeiro que descobrisse a este Reyno, principio de outros, em que o coração da gente portuguesa se estendesse para seu serviço... mandou armar três navios, um dos quais deu a Bartolomeu Perestrelo e os outros dois a João Gonçalves e Tristão Vaz, primeiros descobridores: indo muito apercebidos de todalas sementes e plantas e outras coisas como quem esperava de povoar e assentar na terra".

Gaspar Frutuoso, descrevendo, no século XVI, a ilha de Porto Santo, diz que é "pequena, mas fresca de bons ares e sadia", e que "era coberta de dragoeiros e zimbos e outras arvores até o mar".

O aspecto da ilha é hoje mais desolado do que então. Na mole amarelada das suas terras adivinham-se, mais do que se distinguem, culturas; areais penetram pelas quebradas ribeirinhas — é necessário crer, sob palavra, que no interior vicejam vinhas, crescem árvores e há povoados.

Frutuoso, nas *Saüdades da Terra* e o padre António Cordeiro, na *História Insulana*, referem a tradição de que o arquipélago dos Açôres era um prolongamento das serras de Sintra e da Estrêla, e o arquipélago da Madeira, da serra de Monchique, "sem interstício de mar".

Platão julga egípcia a tradição que supõe ter havido um continente "a par de África, o qual, num só dia e noite, se afundou nos abismos das águas, ficando, aqui e além, solitárias ilhas".

Navegaremos, pois, sôbre a Atlântida, submersa por um cataclismo?

A miragem aliciante!... Demandando-a, velejaram na remota antigüidade, nautas fenícios e tirrenos; mais tarde, cartagineses e árabes. A lenda das ilhas de S. Brandão encheu depois a imaginação medieva, raiando pelo sobrenatural.

A quimera da Atlântida flameja ainda, quando as quilhas portuguesas rasgam o Tenebroso.

Mas o Oceano guarda sempre, inviolável, o nistério do assombro!

Já se avista a ilha da Madeira... Como se estabeleceu a versão de que foi descoberta alguns anos depois da de Porto Santo, quando é impossível não a alcançar, a um só golpe de vista?

Explica o sisudo João de Barros, decerto sôbre as notas de Azurara: "João Gonçalves e Tristão Vaz, como eram chamados para melhor fortuna e mais prosperidade, não quiseram vir para o Reyno, e menos fazer assento naquela ilha; mas, partindo Bartolomeu Perestrelo, determinaram de ir vêr se era terra uma grande sombra que fazia a ilha, a que ora chamamos da Madeira. Na qual havia muitos dias que se não determinavam por razão de grande humidade que em si continha; com a espessura do arvoredo sempre a viam afumada daqueles vapores e parecia-lhes serem nuvens grossas e outras vezes afirmavam que era terra, porque, demarcando aquele lugar com a vista, não o viam desassombrado, como as outras partes. Assim que movidos dêste desejo, em dois barcos que fizeram de madeira da ilha em questão, vendo o mar para isso disposto, passaram-se a ela..."

Avançamos agora entre a ponta de S. Lourenço e os ilheus Vermelho e de Fora, que são monolitos ciclópicos, batidos pelas ondas. E aproximamo-nos da Pérola do Oceano.

As montanhas vão rolando, trepando; os picos dominam dois mil metros de altitude. Sucessivos e largos socalcos levantam um anfiteatro esplendoroso; cortam-se ravinas nas serranias, assinalam-se nas praias as ribeiras, lançando-se do fundo dos vales. Machico, Santa Cruz... As colinas debruam-se de aldeias e casais. As arribas elevam-se. Massas de arvoredo derramam-se em caudais. Nos campos distingue-se o verde dourado da cana, e as vinhas, despidas de folhagem, debruçam-se, esperando a boa nova primaveril.

O mar azula-se e o ar embriaga-se de perfumes.

Enchem-se-me os olhos de beleza! A bombordo, ao longe, núas, as Desertas dormem. Dobramos a ponta do Garajáo.

O "Niassa", arfante, abranda a marcha e entra o porto.

Flor do Mar, a maravilha da cidade nasce na amorosa baía, cresce, magnífica, desde as negras fortalezas até os altos pendores, e vai, colinas fóra, lançando festões de casaria; os palacetes, rodeados de parques, em que a flora das regiões temperadas e dos trópicos exalta o clima, exuberante, e de jardins, sôbre os quais as palmeiras agitam o seu cocar de plumas. Do arvoredo ressaem aglomerações urbanas, fachadas, telhados, tôrres, varandas, balaustradas, amplos terraços.

E, todo envolvido em claridade, ascende o Funchal, desde o cais até o Monte, num afluxo de vaga, irisando-se de tôdas as côres, mais voando que subindo. Esparsa e cantante, uma dôce alegria, que vem do céu, da terra, do oceano e do sol.

Um momento, repousando, olho o mar largo; procuro, distante, nos confins do horizonte, as Selvagens, a caminho das Canárias, na rota da Atlântida submersa.

Mas já para a direita do Funchal, correndo, a serrania embravece. Precipícios, torrentes soltando-se das escarpas, gigantescos corredores cortados na rocha viva, gargantas hiantes na lava que se encapela, cheia de clamores. Estremece a terra, confrangida da sombria desfilada da penedia louca. Suspende-se além, álgida de neve, paralizada e transida; num desvairo, depois, despenha-se sôbre o mar, tràgicamente. De subito, gases de bruma se adensam; névoas se espalham e esgarçam pelas cumiadas, descem em tropel dos fraguedos pelos boqueirões basálticos, franjam os rocais, e estende-se, por tôda a agreste vastidão imobilizada, uma pintura prodigiosa: macerações de violeta, gradações, tonalidades inverosímeis, brancuras radiantes, róseos dilúculos, desmaios crepusculares, indefinível concerto quási orquestral de luz que termina em apoteose o bárbaro tumulto vulcânico.

Uma rua do Funchal

Lopes de Oliveira.

Medina no Brasil

Sir Hugh Gurney — retrato do pintor Medina

Medina, o magnífico pintor retratista que tem corrido mundo, exaltando o seu nome artístico e dignificando a Pátria que lhe foi berço, encontra-se actualmente no Brasil em larga actividade com os seus pinceis privilegiados.

O seu último trabalho é o retrato do embaixador da Inglaterra, sir Hugh Gurney, genro dos embaixadores Carnegies de tão ilustre nome em Portugal.

Embora uma reprodução nunca dê a beleza dum quadro a óleo, em tôda a sua extensão artística, em tôda a sua harmonia de côres, a reprodução que apresentamos dá uma idéia do trabalho do nosso ilustre pintor.

Esta maravilhosa tela dum *racé* e *allure* especificadamente inglêses atrai e impressiona pela perfeição. Vê-se sem esfôrço que ali, a elegância natural e a dignidade se confundem tão harmonicamente, que o diplomata ressalta sem proferir uma palavra.

Nêste retrato esplêndido encontramos a riqueza de côr, numa perfeita e equilibrada composição. Houve talento, olhos e mãos hábeis — qualidades tão raras hoje em dia entre tantos profissionais da paleta que, idealizando futurismos inconcebiveis, não passam de inofensivos e ingénuos tróca-tintas.

E há tantos, tantos assim!...

Este novo trabalho de Medina, é poderoso da factura, e, como todos os seus trabalhos, patenteia-se palpitante de vida, num estudo psicológico profundamente humano.

Como se consegue isto?

●

Há tempos, visitando uma exposição de pintura — pelo menos assim lhe chamavam no convite que recebi — fiquei apavorado ante um pedaço de tela que um doido lambuzou a pinceladas de tinta com menos jeito que qualquer ingénuo pescador da Nazaré na ornamentação do seu barco.

O pintor Medina

O que representava a tela? Uma paisagem minhota? um bosque africano? uma dama tomando banho? uma vinha do Douro? uma marinha? um recanto escalvado do Alentejo? um carro de bois?

Nunca pude saber o que significaria aquilo, nem talvez o seu desventurado autôr que eu conhecera em tempos com alguns méritos, e ao qual cheguei até a vislumbrar um futuro mais ou menos invejavel.

Houve então quem me explicasse a *nova tendência* do meu pobre pintor.

Desejou ser um grande artista, e, nessa ambição, começou a pintar, convencido de que muito em breve estaria apto a ensinar o próprio Reynolds, se êle se dignasse aparecer cá pelo mundo outra vez. Quanto a desenhar, deveria ser, não o primeiro, mas o único em tôdas as épocas, visto que êsse tão apregoado Leonardo de Vinci nada poderia ser ao pé dêle...

Entretanto, os mestres, receando ali um desequilíbrio mental, iam-no afagando com bôas palavras em que, assim como quem não queria a coisa, lhe faziam sentir a necessidade da perspectiva, dos conhecimentos anatómicos, da harmonia das côres, de todos os conhecimentos indispensaveis a um pintor consciencioso e sedento da perfeição.

Valeu-lhes bem a pena! O tal meu pintor insubordinou-se, e desatou a pincelar telas com uma fúria de louco.

O que seria isto em que se vê um ôlho, um saca-rôlhas e uma roda de leme? Néscia pergunta! Pois não se está a vêr que é o retrato do sr. conde de Riba Couto? Se usa monóculo, para que seria necessário pôr mais de um ôlho? Como possui vinhas imensas, o saca rôlhas está ali a indicar, como um emblema indiscutivel, a prosperidade sempre crescente da sua indústria do vinho engarrafado. Quanto à roda do leme, resume-se ali o maior orgulho do brasão do retratado, visto que os seus avós fizeram parte das descobertas, tendo até um dêles acompanhado D. João de Castro às Indias, e ido, segundo é fama, empenhar as barbas do grande vice-rei, num momento de apêrto financeiro.

Não quis ouvir mais. Com efeito, eu não tinha a necessária cultura artística para compreender êste audacioso inovador da Arte em Portugal.

Evadi-me daquele antro com tal gana que, na precipitação da fuga, quási me ia esquecendo o chapéu.

●

Rodaram os tempos, e nada adiantei. Mantenho-me tal como dantes apreciando a beleza, a arte, a perfeição, consoante o alcance dos meus olhos pecadores. Continúo a parar estático ante uma tela de Vinci, Rafael, Rubens ou Rembandt, e a reconhecer que os retratos de Reynolds são simplesmente adoraveis.

Não me canso de admirar as telas preciosas que nos apresentam os retratos da duqesa de Devonshire, de Angélica Kauffman ou de mrs Carnac, aos quais nem o dom da fala lhes falta visto que o flagrante da expressão dizem eloqüentemente o que desejam.

E os deliciosos retratos de Romney?

Que maior perfeição poderiam desejar? Aquela encantadora Lady Hamilton não poderia ter encontrado mais completo redactor para as suas memórias. Os sete retratos que lhe conhecemos, executados pelo pincel mágico do excelso retratista britânico, descrevem mais nitidamente a tão discutida vida de Lady Hamilton do que um volume de 800 páginas.

Vendo a nessas sete fases, que fazem lembrar sete pecados mortais, embora cheia de mistério, tentadora como uma odalisca, vaporosa como uma sílfide, nostálgica como um sonho, inocente, como um lírio, ideal como um mito, maldosa como um demónio, temos ali a verdadeira Lady Hamilton.

Estes retratos — dêem-lhes as voltas que quizerem — são sempre novos, sempre belos e sempre maravilhosos. Eis porque me encantam.

E, assim, é com o mais justo regosijo que fito êste último trabalho de Medina, em que surge o retrato de sir. Hugh Gurney, embaixador da Inglaterra no Rio de Janeiro.

Trata-se de uma obra de arte que honra o artista, cujo êxito enorme entre a *élite* em que foi exposto, muito contribuiu para o engrandecimento da verdadeira Arte Portuguesa.

UM SÁBIO QUE ESQUECEU

Hoje como ontem e como sempre, ter talento não basta neste miserável mundo em que vivemos. É indispensável, antes de tudo, ter uma apresentação que os convencionalismos classifiquem de mais ou menos decente, fazer a barba todos os dias, usar um colarinho irrepreensível e vestir fatos de bom corte e melhor prova. Conseguindo isto qualquer, idiota pode passar por sábio com o solene aplauso de todos os bichos congéneres que são muitos ainda, infelizmente.

Foi por êste motivo — e só por êste — que Pedro de Amorim Viana, o tão profundo matemático como atlético pensador, passou como um meteoro na vida científica e literária dêste país.

Já lá vão quási setenta anos...

Do sábio ilustre ficou apenas a vaga lembrança das suas excentricidades de distraído — e nada mais. Esqueceram-se de que Amorim Viana conquistara, ainda nos bancos da escola, o cognome de *Newton português*, e que, tendo apenas vinte anos de idade, escrevera uma perfeita análise das contradições económicas de Proudhon, trabalho que, segundo os mais severos eruditos do seu tempo, bastaria para criar uma reputação mundial.

De tudo isto se esqueceram, e tão sómente para que ficasse lembrado que, sendo um filósofo tão completo como Diógenes, trocara o tonel pelo amplo casacão de côr sinistra e aterradora, que sempre o envolvera desde o berço à cova.

Lembram-se ainda de que o sábio costumava entrar em qualquer café e pedir em voz tão baixa como um suspiro qualquer bebida da sua predilecção, retirando-se, em seguida, sem pagar. Acrescentam, então, que o sábio, logo que chegava o fim do mês, e recebia o seu ordenado de lente de matemática da Escola Politécnica do Pôrto, o seu primeiro cuidado era ir remediar generosamente o natural esquecimento.

Camilo, traçando o perfil de Amorim Viana, descreve-o assim:

"Foi meu companheiro de casa, paredes meias, no Pôrto, em 1852, durante o ano. Uma vez, alguém que me procurava, encontrando-o na escada, preguntou-lhe se eu estava no quarto. Amorim reflectiu longo tempo, e respondeu: — "Não conheço êsse sujeito». Verdade é que nunca trocamos duas palavras, e sustentavamos uma polémica escrita muito assanhada, eu pela Fé, êle pela Razão.

"Possuia Amorim, no seu aposento, uma jardineirinha de pé de galo, privativamente sua, e sua única mobília. Uma noite, recolhendo muito tarde e muito desequilibrado, teve questões com a patroa, porque estremunhava os outros hóspedes pacatos. Resolveu despedir-se e sair às duas horas da manhã; porém, à falta de galegos a tais deshoras, levou êle a jardineira às costas desde a rua Chã até à rua do Bispo. Tôda a sua roupa branca, que era um pouco mais branca que a preta, levou-a debaixo do outro braço.

"Era redactor, administrador e guarda-livros do periódico *A Península*. A escrituração do periódico trazia-a na algibeira das calças oleosas de gordura em tiras de papel enroladas na forma assás cómoda e portátil de novêlo. *A Península*, apesar da valiosa colaboração de Delfim Maia, de Costa e Almeida, Arnaldo Gama e Coelho Louzada, esvaiu-se de inanição, vítima do novêlo administrativo de Pedro de Amorim.

Pedro de Amorim Viana
(Portrait-charge de Sebastião Sanhudo).

"E um homem com semelhante estrutura psíquica redigiu um livro inolvidável de filosofia, saturado de critério germânico — livro único em Portugal digno de ombrear com os mais notáveis produtos dos especialistas estrangeiros!

"Havia naquele encéfalo gânglios refractários à degenerescência alcoólica, e por muito tempo resistentes. Por fim, aos cinqüenta anos, completou-se a carbonização cerebral.

"Para onde passaria o lucidíssimo e imortal espírito que meditou o *Racionalismo?»*

A não ser Camilo que tendo esgrimido com êle em acesa polémica, o admirava, quem o conhecia? Quem lhe soletrava, ao menos, a obra valiosa que deixou?

Preocupavam-se lá os pedantes com os ensinamentos do sábio!

Ouvir uma anecdota, isso sim, é que valeria a pena. E então alguém relatava:

Amorim Viana viveu durante muito tempo, tendo apenas a servi-lo um criado que dificilmente lhe ouvia uma palavra. Como o patrão saía tôdas as noites, não viu inconveniente em autorizar o criado a fazer o mesmo, tendo, no entanto, estabelecido o seguinte regime:

"Aquele que não estiver em casa às onze horas, fica na rua. O primeiro que entrar, corre o ferrolho».

Em dada ocasião, o criado ficou fora, segundo o combinado.

Doutra vez sucedeu que o Amorim Viana não compareceu também à hora.

O criado, valendo-se da ordem recebida, foi implacável, e não abriu a porta ao patrão.

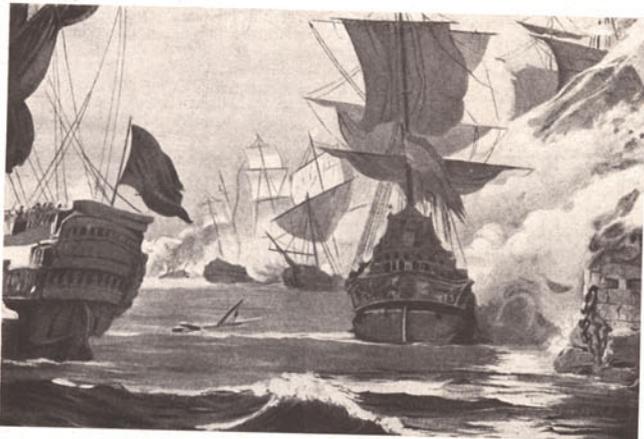
Estava-se no pino do inverno, e o pobre Amorim Viana arrostou tôda a noite no ôlho da rua, debaixo duma verdadeira tempestade.

Pela manhã, quando o criado lhe abriu a porta, disse-lhe apenas isto:

— "Então só por cinco minutos?...»

Era assim o sábio Amorim Viana. Mas desgraçadamente é só assim que o conhecem!

Nada mais seriam capazes de dizer acêrca dêste espírito cintilante que durante tantos anos se dedicou a deitar pérolas nas esterqueiras de suínos de mau fundo e má condição.

Mas se êles apenas conhecem o imortal Camões por ter um ôlho vasado, e o Garrett por usar cabeleira postiça, como poderiam distinguir o sábio Amorim Viana se não fôsse o tal casacão de côr sinistra que tanto espanto lhes causava?

O afundamento dos galeões de Vigo

O FARO DOS LADRÕES DO MAR

O TESOURO DOS GALEÕES DE VIGO

NÃO PASSA DUMA LENDA PARA ADORMECER CRIANÇAS

VOLTA a falar-se em procurar o decantado tesouro que, segundo uma velha lenda, deve estar guardado no bôjo dos famosos galeões de Vigo.

Não nos parece que um tal empreendimento dê resultado, atendendo ás experiências efectuadas tantas e tantas vezes no mesmo sentido, e sempre em vão.

Se os galeões de Vigo, afundados ha mais de duzentos anos, guardassem as riquezas fabulosas que a imaginação popular vai avolumando de dia para dia, já os salteadores do mar lá tinham ido, guiados apenas pelo seu faro especial e pela sua coragem.

A arte de roubar debaixo de água atingiu uma tal perfeição que, para os mergulhadores piratas, assaltar um navio afundado e sondar-lhe os mais ocultos escaninhos, é tão fácil como arrombar os cofres de um banco.

Isto vem já de tão longe que, em tempos idos, os reis de Inglaterra se declaravam donos absolutos de todos os barcos naufragados nas costas do seu país. Quando foi publicada essa lei, as águas britânicas guardavam no seu seio mais de quinhentos barcos carregados de preciosidades. Com esta medida, os soberanos ingleses pretendiam, não só aumentar os seus haveres com o que se fôsse encontrando, mas impedir que os "profissionais do naufrágio" se aproveitassem das riquezas perdidas no fundo do oceano. Se constasse que alguem, fôsse quem fôsse, conseguira apoderar-se do espólio de qualquer barco afundado em águas britânicas, teria de restituir tudo o que encontrou, além do severo castigo que se lhe aplicava.

Um mergulhador de há cem anos

Com o rodar dos tempos, esta lei foi caíndo no esquecimento, tendo sido organizadas companhias de salvamento que, devidamente autorizadas pelos armadores dos barcos metidos a pique, se dedicavam a pesquisar o seio das águas com uma tenacidade espantosa.

No entanto, apesar de toda a sua boa vontade, nem sempre estas companhias eram as primeiras a instalar-se no local do sinistro.

Assim, como aparecem na terra ladrões e bandoleiros que levam a efeito as mais atrevidas proezas, aparecem também no mar aventureiros do mais elevado quilate que arriscam mil vezes a vida para a tornarem agradável ao menos uma. Trabalham sôb o maior segrêdo, geralmente de noite, tendo quasi sempre como base de operações uma barca de pesca que não desperta atenção, tanto mais que o seu pessoal e apetrechos se encontram habilmente disfarçados.

Se aos "salteadores do mar" dêsse o faro do tesouro dos galeões de Vigo, é mais que certo que já se teriam apoderado dêle.

Mas para que tentar uma tal empresa, se tudo leva a crêr que se trata duma lenda?

Eis o que se sabe de positivo:

Por ocasião da proclamação do rei Felipe V, todas as riquezas acumuladas no México, em dinheiro e mercadorias, fôram embarcadas para Espanha numa frota composta por dez galeões espanhois e vinte e três navios franceses. Ao chegar aos Açores, o comandante da frota soube que a Espanha estava em guerra com a Inglaterra, a Holanda e a Alemanha, e que uma esquadra anglo-holandesa aguardava a chegada dos galeões espanhois, na intenção de os saquear. Em face de uma tal prevenção, os galeões afastaram-se da costa, e tomaram o rumo de Vigo em vez do de Cádiz, como estava determinado. Fundearam sem o menor incidente no sossegado porto galego, onde, decorrido quasi um mês, foram atacados pela esquadra inimiga. Após uma luta feroz, os galeões foram metidos no fundo. Daqui surgiu a lenda do tesouro que os barcos naufragados levaram para o fundo do mar.

Vinte anos depois começaram as primeiras pesquizas, e, desde então, várias empresas se têm sucedido na árdua tarefa de arrebatar o tesouro, mas sempre sem qualquer resultado compensador.

Em 1732, uma empresa organizada por Juan António Rivero conseguiu retirar alguns canhões de ferro, várias tábuas apodrecidas e uma centena de moedas de prata. Uma outra companhia fundada pelo inglês Evans e pelo francês Goubert, após aturadas investigações que custaram dois milhões de francos e dez anos de trabalho consecutivo, trouxe á superfície um dos galeões donde recolheram 14 canhões de ferro e 4 moedas de prata.

Em 1825, o empresário Dickson montou a exploração em grande escala com todos os aperfeiçoamentos, sendo extraídos mais canhões e vigas de madeira. Em 1870, uma companhia francesa, sob a direcção de M. Magen, pretendeu desvendar completamente o mistério. Os mergulhadores, munidos de luz eléctrica, torpedos, bombas e fateixas, descobriram dez cascos, mas apenas conseguiram recolher vários canhões enferrujados, âncoras, pedaços de madeira, peças de loiça chinesa, chícaras mexicanas, e outras coisas sem maior importância. Quanto ao cubiçado tesoiro, extraíram 60 quilos de prata — e nada mais. Ora, se estava averiguado que os galeões eram portadores de prata e oiro no valor de quinze milhões, onde se ocultavam estas preciosidades?

Em tempos, o erudito académico espanhol Cesário Fernandez Duro afirmou que "tal tesoiro não existia no fundo do oceano porque nunca ali fôra parar".

Fundamentava a sua afirmativa nos seguintes factos:

"Quando a frota chegou a Vigo e recebeu a necessária autorização da Côrte, começou a desembarcar a toda a pressa as barras de oiro e o dinheiro amoedado, carregando várias carroças que faziam duas viagens diárias a Pontevedra. Outras carroças tomavam ali conta da carga que conduziam até Padrón, onde outras, em terceiro transbordo, tomavam o rumo de Lugo. Sendo empregadas 1.500 carroças neste serviço que durou dez dias, é de presumir que houve tempo bastante para salvar o tesouro.

Quando o famoso mergulhador Gianni, do barco italiano "Artiglio" conseguiu chegar á caixa forte do paquete "Elizabethville", torpediado em 1917, verificou que do milhão de libras que ali devia estar, restavam apenas duas moedas que os ladrões teriam deixado caír.

Ora, pouco antes da chegada do "Artiglio", havia sido notado várias vezes, naquêle sítio um barco de pesca holandês, tudo levando a crêr que fôsse êste o autor da façanha.

O trágico fim do «Hampshire»

Com o espólio do "Hampshire" deu-se um facto mais espectaculoso. Como é sabido, êste couraçado inglês foi afundado, na noite de 4 de Junho de 1916, por uma mina submarina, ao norte da Escóssia, quando seguia para a Rússia. A bordo ia o famoso Lord Kitchener, ministro da Guerra, que conseguira organizar o poderoso exército britânico. O poderoso barco, ferido de morte, afundou-se em poucos minutos.

Como constasse que, além de 100 mil libras em oiro, o "Hampshire" conduzia valiosas preciosidades, o capitão alemão Hans Loda planeou apoderar-se do tesouro, organizando uma brigada de bons mergulhadores que, após aturadas pesquizas, localizaram o cruzador a uns noventa metros de profundidade. Mas como entrar ali, se o barco se encontrava hermeticamente fechado, dando a impressão de um monstruoso cofre forte? Tentou-se então o único recurso: abrir-lhe uma brecha por meio da dinamite. Os mergulhadores, dando largas á sua perícia, fizeram voar o casco do couraçado, abrindo assim caminho para o tesouro que, doutro modo, continuaria inacessível á sua ambição audaciosa.

Foi tal a violência da explosão que a superfície das águas foi sacudida como por uma erupção vulcânica.

Deste modo foi perturbada a paz de que estavam gosando os restos mortais de Lord Kitchener no seu glorioso sepulcro que, á primeira vista, poderia ser considerado isento de qualquer profanação.

Depois de todo êste extenuante trabalho, os mergulhadores apenas puderam recolher 10 mil libras das 100 mil que calculavam encontrar. E' que um barco britânico, atraído pela explosão, afugentou os salteadores do mar no melhor da sua tarefa.

Quando se dispõem a descer á procura do "Mérida", em cujo bojo repousam as joias da corôa do imperador Maximiliano avaliadas em um milhão de libras, além das barras de oiro que valem 500 mil?

Até hoje, todas as pesquizas autorizadas pelos elementos oficiais têm resultado infrutíferas. E' possível que, mais dia, menos dia, os bandoleiros do oceano tenham mais sorte, se é que não foram lá em qualquer oportunidade ainda desconhecida.

E daí — quem sabe? — é possível também que qualquer empresa se lembre de tentar a proeza, com todas as autorizações necessárias, e, ao atingir a jazida do valioso barco afundado, dê apenas com o sítio onde o tesoiro deveria encontrar-se...

Pelo que fica exposto, os "salteadores do mar" são mais expeditos nêstes serviços...

Sérgio de Montemór.

O «Elisabethville» ao submergir-se

O BEM INACESSÍVEL

Todos nós — os que temos um coração que não é sòmente uma víscera para a distribuição do sangue, todos nós — os que temos ideais de tranqüilidade e perdão, todos nós — os que compreendemos o sentido fundamental do amor e da bondade, aspiramos à paz universal.

Êstes que assim pensam não se importariam de em vez de sedas vestir o burel grosseiro, em vez de iguarias finas comer um naco de pão com um singelo conduto, se dêste modo pudessem contribuir para o bom entendimento entre os homens.

Mas êstes formam a minoria, uma minoria acreditada, de reputação sólida de honestidade reconhecida e acatada com respeito — mas minoria, em suma.

E nunca a minoria venceu, senão excepcionalmente, quando do grande bloco contrário se destacam parcelas desiludidas por falsos ideais de ventura e prosperidade que se lhe vão juntar, aumentando-lhe a fôrça combativa, a fôrça física de acção que chega a vencer o direito, e que aqui seria para acabar com os atropelos ao direito e á justiça.

■

Nunca é de mais dizer-se que é a ambição do mando, e subentendida a da riqueza, que atira os homens uns contra os outros, numa luta que é sempre fratricida, mesmo entre raças diferentes, porque somos todos irmãos, filhos de Deus espiritualmente, e filhos do mesmo pecado original, no barro vil onde nossa alma se prende.

Essa sêde de poderio e de fausto apaga no homem os últimos vestígios de humanidade, e coloca-o a par das feras, merecendo só por isso o seu apodo de "rei dos animais„ — rei na ferocidade, na crueldade e no egoísmo.

Parece até que em certos momentos dêle se aparta o sôpro dívino que o animou, ao nascer para a vida terrena, e que todo aquêle amontoado de lama, que é o seu envólucro, evoluciona como movido por um mecanismo infernal, que êle nem sente, assoberbado intimamente pela monstruosa ideia que lhe deram da vida e seus bens e males.

E não vale prégar, não vale mostrar-lhe o panorama horripilante do caminho que escolheu, porque não ouve nem vê.

Só escuta adentro do cérebro cachoar o embate de tôdas as ruins paixões a que deu guarida, e só vê a miragem enganadora que o fascina, que o atrai, e lhe dá fôrças para combater tudo o que possa impedi-lo de chegar até ela.

Quando a besta humana se desprende das cadeias da consciência, é impossivel fazê-la parar com exortações e súplicas. Só a fôrça — outra fôrça maior — pode subjugá-la.

E é por isso que os homens se guerreiam — e hão-de guerrear-se sempre:

Dum lado o bem, do outro o mal, constantemente se degladiam, porque o mal não cede, e o bem não deve nem pode deixar de desalojá-lo, já que exterminá-lo não lhe é dado, porque os dois são a essência da própria vida.

■

È triste que todos os sacrifícios que se fizeram para implantar a doutrina de Cristo — "amai-vos uns aos outros„ — se perdessem.

É desolador que tantos mártires do cristianismo perdessem suas vidas em defeza da santa doutrina — a única que poderia acabar com os horrores da guerra e seus satélites medonhos de crueldade.

De que serviram tantas vidas inocentes lançadas ás feras no circo romano, só porque prégavam as palavras de Jesus, de que tem valido tantas outras sacrificadas á ambição dos mandões dêste mundo, se nunca delas saíu a luminosidade suprema da paz — nossa única redenção? E não é só a guerra em grande escala, a guerra entre os povos, com espectaculoso estendal de metralha e engenhos aperfeiçoados de ruina e de morte, que conta na vida da humanidade e que a amarfanha e arrasa.

Há também as guerrilhas, os grupelhos infames, semeadores da desordem e do luto, em partículas sangrentas, que atingem menos alvos, mas que são talvez mais criminosos nos seus intentos, que obedecem a vinganças, a ressentimentos muitas vezes sem razão, e mais freqüentemente ao prazer doentio de aniquilar vidas e lares construidos á custa de muito labor amassado com lágrimas que ninguem vê chorar.

Quem é o feliz, de entre tantos que mourejam com a enxada, a pena, o pincel ou o escopro, que não tem perto da sua porta um dêstes grupelhos sinistros, incapazes de produzir e odiando a glória que ao seu próximo vem da conquista pelo trabalho?

E triste é pensá-lo, já que dizê-lo nem preciso é, ter de viver assim, sempre à espera dum díscolo que nos tire da bôca o pão e da alma um lindo sonho, e termos de voltar ao princípio, a cavar a terra que nos dê outro pão, e a pedir à nossa alma que sonhe outra vez...

■

Mas não desanimêmos. É possível melhorar a sociedade, se pais e professores se empenharem em formar as pequeninas almas que vêm acolher-se ao seu ensinamento e á sua experiência da vida.

É preciso incutir nas crianças o sentimento da humanidade, e tirar-lhes tôdas as veleidades de ambição mal entendida. Costumá-las a contentar-se com o que a sorte lhes deu.

Que queiram subir a mais altas esferas, pelo talento e pelo trabalho, está certo.

Mas sem atropelar ninguém, e sem ressentimentos contra aquêles a quem fôr distribuído maior quinhão de ventura.

É indispensável, para isso, que a família não afrouxe os elos que devem prendê-la.

Hà tempos que se observa uma dissolução da afeição dos lares, e é isso que é preciso evitar.

Os acontecimentos avisam-nos para que pais e filhos se unam cada vez mais e formem a barricada do amor, a mais segura muralha contra as investidas da desgraça.

O ódio combate-se com o amor, e não com outro ódio maior.

Mercedes Blasco.

ENCANTOS DO ESTORIL

HAJA paz e alegria ao menos em nossa casa! O Estoril apresenta-se assim como os vários aspectos focados nesta página nos mostram. As duas gravuras de cima dão-nos uma ideia do que teria sido a festa intitulada «Noite de Prata», adentro do Casino. Enquanto o mundo se agita, gosemos a vida neste sossegado recanto ocidental. Entretanto, pode ser que uma rajada de bom senso ilumine os mais negros espíritos.

OUTRA festa grandiosa do Casino do Estoril, evocando «Uma noite de Carnaval no Rio de Janeiro». Só pelo título se vislumbra o que teria sido a animação dêsse esplêndido festival a que concorreu a fina flor da sociedade. E' tradicional o espavento das festas carnavalescas da grande capital brasileira. Pois o Casino do Estoril, evocando-as, não só lhes rendeu uma sincera homenagem, como deu uma ideia, com a sua animação, do que poderiam ser. Já pela intenção, já pelo brilhantismo que revestiu, esta festa ficou deliciosamente memorável.

AINDA no Estoril — a praia chic de Portugal que rivaliza com as melhores estrangeiras. Em plena estação calmosa, vinte jovens exibem os mais belos fatos de banho em frente da piscina, cuja água límpida convida a um mergulho com tôda a segurança. A um grito do animador, o inevitável Erico Braga, tôda essa mocidade mergulhará para refrigério da alma e do corpo, causando uma certa inveja às nossas leitoras.

Após os mais violentos exercícios as nadadoras japonesas divertem-se em Berlim, envergando os seus lindos kimonos

PELAS CORES LUSITANAS

Os portugueses nos Jogos Olímpicos

Triunfos emoldurados em sorrisos femininos

A XI Olimpíada realizada em Berlim deixou as mais gratas recordações a todos os que tiveram a sorte de assistir às suas duras provas que 51 nações disputaram. Nem os sorrisos femininos ali faltaram, verificando-se até que o divino Apolo teve uma certa honra em fazer-se acompanhar pela maliciosa Venus.

Decorreram os dias, sempre num entusiasmo crescente, até ao completo cumprimento do programa.

Quanto a nós, portugueses, podemos dizer que, desta vez, os Jogos Olímpicos encerraram com chave de oiro para nós que vimos subir no mastro de honra a nossa querida bandeira que as cem mil pessoas ali reünidas aplaudiram delirantemente.

Portugal teve a sua hora de triunfo, ou antes conseguiu uma verdadeira apoteose.

E êste facto que tanto nos orgulha — o segundo sucedido através da nossa participação nas Olimpíadas, — devemo-lo à equipa de cavaleiros portugueses que audaciosamente enfrentou dezanove concorrentes de categoria.

Em 1928, nas Olimpíadas de Amsterdão, a nossa equipa de esgrima obteve um terceiro lugar. Desta vez mostramos o valor do nosso hipismo.

O capitão marquês do Funchal e os tenentes José Beltrão e Mena e Silva, disputando o "Prémio das Nações", obtiveram o 3.º lugar, classificando-se a seguir à Alemanha e à Holanda, vencedoras dos dois primeiros lugares.

Em boa verdade, é agradável e consolador vêr que o nome de Portugal ainda restruge, de quando em quando, por êsse mundo fóra como nos tempos da epopeia homérica dos descobrimentos.

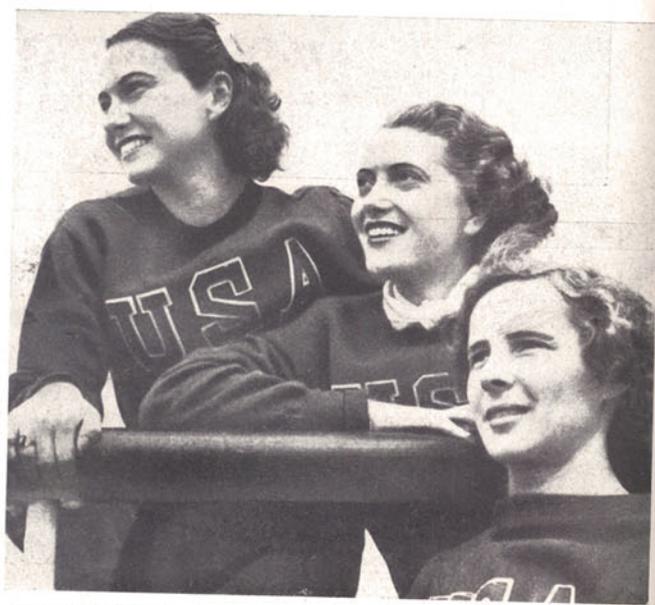
Nos Jogos da XI Olimpíada, agora realizados em Berlim, verificou-se que os famosos cavaleiros das eras do Magriço deixaram descendentes dignos dos seus maiores.

Pois a equipa portuguesa, constituida por êsses três bravos cavaleiros, encheu-nos de orgulho e satisfação.

O percurso — segundo a declaração abalisada dos técnicos — era muito difícil, cortado por vinte obstáculos de boas dimensões, alguns dos quais agrupados em duplos um pouco enforcados.

A equipa alemã fez uma exibição brilhantíssima, tendo conquistado o primeiro prémio na classificação colectiva e o primeiro também na classificação individual, por intermédio do tenente Stubbendorf.

E a equipa portuguesa? O que fez ela? Eis o que vamos dizer para honra e brio das côres do nosso país.

Mena e Silva, cuja montada continuava impossibilitada de entrar em provas, especialmente em provas da importância e responsabilidade desta, montou "Fossette". A primeira metade do percurso foi feita sem faltas, marcando bem e saltando por alto. Nos dez obstáculos restantes, a égua derrubou seis, terminando com 24 pontos de penalização.

Por sua vez, o marquês do Funchal fez uma prova magnífica, que a assistência aplaudiu, por vezes, com o maior entusiasmo. Teve cinco faltas, traduzidas em 20 pontos de penalização.

Finalmente, José Beltrão, montado no "Biscuit", foi o melhor da nossa equipa. Fez um percurso excelente, só com três faltas, uma das quais de puro azar, no último obstáculo. Assim, na classificação individual, obteve o sexto lugar.

Na classificação colectiva, a equipa portuguesa ganhou o terceiro prémio com medalha de bronze.

No mastro olímpico a nossa bandeira subia, subia...

Dos dezanove concorrentes foi apurada a seguinte classificação: 1.º — Alemanha; 2.º — Holanda; 3.º — Portugal; 4.º — Estados Unidos; 5.º — Suíça; 6.º — Japão; 7.º — França.

Na corrida da Maratona, o nosso Manuel Dias não fez má figura, apesar de tudo. Segundo os técnicos, é "meio de tabela que, não podendo fazer figura de favorito, não é também uma vulgaridade".

Informam-nos do seguinte: Manuel Dias saíu com uns sapatos que não lhe serviam. Os portugueses foram sempre assim. Tendo corrido na véspera com os sapatos, declarou que lhe estavam que nem uma luva, quando lhe ficavam apertadíssimos, e tinham a sola fina de mais. Tendo de correr no Avus, alcatroado, os sapatos depressa se assaram e feriram os pés no sitio da ligação dos dedos. Ferido, e custando-lhe a andar, trocou os sapatos com um rapaz alemão, e assim acabou a prova, com os pés ensangüentados e cheios de bôlhas.

Não teria isto uma grande influência sôbre a sua classificação? Com certeza. Devemos ter em conta que, a meio da prova, seguia à frente dos que depois a ganharam. Em boa verdade, foi pena que não houvesse um técnico a aconselhar os sapatos próprios para o corredor.

Afirmámos aqui há um mês a nossa fé nos nossos desportistas, salientando que os portugueses têm participado nos Jogos Olímpicos desde 1912 e alcançado em esgrima e hipismo algumas classificações brilhantes.

Manifestamos bem alto a nossa esperança e a nossa confiança nos seleccionados de Portugal que saberiam honrar as côres do seu país, correspondendo assim aos ardentes desejos dos dirigentes e da opinião pública nacionais.

As três americanas: Betty Robinson, corredora pedestre; Ellis Arden, saltadora em altura; Gertrud Wilhelmsen, lançadora de disco, que tiveram milhares de admiradores

Honraram essa confiança como acabamos de verificar.

Daqui a quatro anos, a nossa posição nos Jogos Olímpicos de Tóquio será mais bela ainda, temos a certeza.

É conhecida a influência portuguesa no Japão. Não devemos, portanto, fazer má figura nas paragens de sonho do Sol Nascente, e que os portugueses viram nascer e acarinharam com a sua ternura europeia.

Trarão triunfos dêsse Dai Nippon tão glorioso como distante, e recordações eternas dos lindos sorrisos dessas mulheres pequeninas e irrequietas, de nomes simbólicos de encanto e mistério.

Só por isso, os nossos alcançarão triunfos. O seu brio de portugueses de raça há-de dar-lhes energias indomáveis para bem merecerem êsses gloriosos sorrisos que enfeitiçam.

■

Um sorriso húngaro que sustenta o campionato de crawl

O mais belo pacto de amisade sino-americana

O aspecto do Estádio no dia do encerramento dos Jogos era surpreendente.

As bandeiras dos 51 países inscritos desfilaram com tôda a imponência. Foi um momento emocionante quando as bandeiras se inclinaram e foram sobrepujadas com as corôas olímpicas, por cinqüenta e uma damas de honor alemãs, envergando longas túnicas brancas e representando as nações concorrentes. Nesse momento seis potentes reflectores eléctricos rasgavam, fortemente, as primeiras sombras da noite que começavam a descer sôbre o Estádio.

Em meio do mais profundo silêncio procedeu-se à aposição da coroa de louros, sendo os três melhores em cada prova distinguidos com insígnias especiais.

Ás 20,45 ouviu-se o hino olímpico gritado por trombetas em sons estridentes. Em volta do Estádio acenderam-se todos os projectores que davam ao recinto um aspecto feérico. Seguiu-se a cerimónia do encerramento com o discurso do conde Baillet de Latour que os altos falantes faziam ouvir a uma grande distância.

Foi depois apagada a "Chama Olímpica", e arreada a bandeira, enquanto a artelharia salvava e os sinos repicavam festivamente.

Então o governador de Los Angeles, tomando a bandeira que em 1932 recebera das mãos do *maire* de Amsterdão, depositou-a nas mãos do *maire* de Berlim que a conservará até 1940, data da XII Olimpíada na capital nipónica. O *maire* de Berlim respondeu com uma saudação, fazendo votos para que a Olimpíada de Tóquio encontrasse a humanidade em paz.

Por fim, a assistência cantou em côro o Hino Olímpico e assim terminou a brilhantissima competição de 1936.

Aguardemos a nova Olimpíada. Em quatro anos criam-se novas e portentosas energias. E Portugal, em todo o seu ardor, em todo o seu brio, em todo o seu fervor patriótico, ha-de saber realizar verdadeiros prodígios.

Sorrisos chineses

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

Aspectos de Badajoz — Aspectos de vários pontos

Um aspecto de Badajoz após a tomada realizada com porfiadissima luta Cadáveres, terra revolta, luto, devastação. Depois de uma resistencia tenaz, as milícias comunistas fôram varridas, tendo ido espalhar o terror para outras paragens. O saneamento vai sendo feito com uma precisão e um método admiráveis. Provoca ruinas? Que se lhe há-de fazer? De resto, é sempre sôbre as ruínas que se constroem as mais maravilhosas cidades. Aguardemos, portanto, com fé, o dia de amanhã que deve ser belo e radioso

O estado em que ficou um edifício em Badajoz após o bombardiamento. As paredes, apesar da sua espessura, ficaram transformadas num crivo. No entanto, o sossêgo voltou — o que já foi uma compensação. Urge que êsse socêgo alastre cada vez mais, não só para repouso da gente da casa como para o dos vizinhos que não meteram para aí prego nem estopa. Felizmente que se esboça já no horizonte uma aurora de paz e disciplina a anunciar-nos um novo dia de tranqüilidade que é, no fim de contas, o que ardentemente desejamos

Um grupo de soldados do Tércio após a entrada em Badajoz. Nada de fadiga, antes novas energias para novos cometimentos. E a luta prossegue, cada vez com maior encarniçamento

Um aspecto da praça de toiros que ficou coberta de destroços, vendo-se ainda um cadáver. — Em baixo: uma rua de Badajoz, depois do bombardiamento.

Em cima: fôrças do Tércio patrulhando as ruas de Badajoz. — Em baixo: um foragido espanhol acompanhado de sua velha mãi, atravessando a fronteira portuguesa. O mais interessante desta gravura, é que o filho robusto cavalga o burro, enquanto a pobre mãi, uma vèlhinha trôpega vai seguindo a pé. Isto faz lembrar a fábula do velho, o rapaz e o burro, e por isso não fazemos comentários para não sofrermos a reprimenda dalgum novo fabulista que apareça. — No oval: dois soldados divertindo-se após a sua entrada em Badajoz

Em face dos acontecimentos que ensangüentam a Espanha, as portas de Gibraltar encontram-se fechadas como a gravura que reproduzimos acima nos mostra

O general Riquelme, chefe das fôrças governamentais conferenciando com o ministro da guerra que lhe dá conhecimento dos últimos comunicados das várias frentes de combate. A luta, no entanto, prossegue — e cada vez mais encarniçada

Legionários espanhois avançando através das vastidões das dunas marroquinas, a caminho do barco que os transportará à Pátria em perigo

Tropas do Tércio desembarcando. — Em baixo, à esquerda, o estado a que ficou reduzida o celebrado altar da Virgem da Macarena, em Sevilha. A formosa imagem foi salva por alguns devotados membros da Irmandade. — Em baixo: a luta junto do Hotel de Inglaterra em Sevilha em que se tinham refugiado vários guardas de assalto, empenhados ainda numa resistência inútil. Como não podia deixar de ser, Badajoz foi tomado plenissimamente

Tropas do Tércio e fôrças regulares desembarcando em Espanha. — Em baixo: Tropas patrulhando as ruas de Sevilha em caminhões. Em resumo: a velha e tradicional Espanha, criando energias jóvens, defende-se do ataque daqueles que pretendiam minar-lhe os alicerces vetustos e sagrados da sua nacionalidade. O seu esfôrço foi profícuo, como seria de prevêr

SINCERA HOMENAGEM

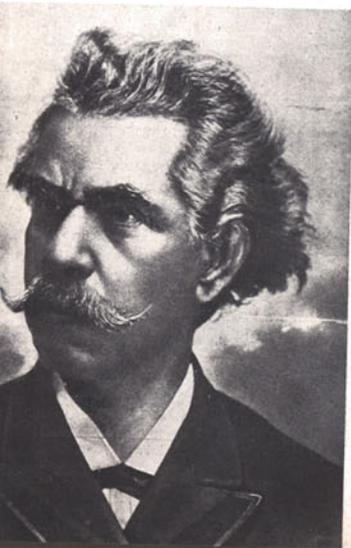
O 1.º centenário de Carlos Gomes

O Brasil evoca o seu maestro genial

A figura do maestro Carlos Gomes que encima o seu monumento em S. Paulo

O Brasil acaba de festejar o 1.º centenário do nascimento do seu grande maestro Carlos Gomes. A cidade de Campinas envergou as suas melhores galas para homenagear condignamente um dos seus filhos mais ilustres.

Embora não exista já a rua da Matriz Nova nem a modesta casa em que o laureado músico viu a luz do dia há cem anos, a cidade de Campinas não esqueceu. Nesse local, animado agora pela alegria e movimento da rua Regente Feijó, encontramos uma residência moderna em cujo frontispício se ostenta uma placa de bronze com a seguinte inscrição: *Na casa aqui outrora existente, em 11-7-1835, nasceu António Carlos Gomes. — Homenagem do Centro de Ciências, Letras e Artes — 6-7-1905.*

A vida dêste artista genial foi a do maior desventurado que possa imaginar-se.

O maestro Carlos Gomes

Filho de artista — o *Maneco Músico* que teve a fortuna de se celebrizar em S. Paulo — o pequeno António Carlos sofre atrozmente. Dir-se-ia que viera ao mundo para sofrer.

Aos oito anos de idade assassinaram-lhe a mãi à facada e a tiro, sem que se tivesse averiguado nitidamente quem teria armado a mão do assassino.

Êste facto deveria ter causado na criança uma profunda impressão. Conta-se até que, algum tempo depois, andando o pequeno órfão a brincar nas imediações do largo onde fôra cometido o crime, correu para casa, muito pálido, esbaforido, com os cabelos arrepiados, a revelar numa aflição indescritível.

— Vi a mamãi . Ela falou comigo!

E como o submetessem a preguntas, descreveu com pormenores e acento de verdade factos que deixaram perplexos todos os ouvintes. E foi tal a impressão causada por esta visão horripilante que, trinta anos depois, António Carlos ainda a citava, garantindo que sua mãi lhe falara.

Um dia, decidiu dar largas ao seu estro. Não estava disposto a continuar com as suas excursões ao interior, onde as festas monótonas se pareciam enervantemente umas com as outras. As valsas, as polkas e as quadrilhas que compunha começavam a apresentar tais apuros e tais finezas de estilo que tornavam alvo da admiração dos entendidos na matéria.

António Carlos devia ir longe — vaticinavam.

O pior é a maioria não concordava com tais inovações — e daí a subsistência do artista em grave risco.

O compositor carecia de mais amplos meios em que pudesse desferir os vôos formidáveis do seu génio.

Foi nesta ânsia que compôs aquela fantasia sôbre a modinha brasileira «Noite alta». Concluindo-a, desesperou do seu êxito. A sua sensibilidade de eterno insatisfeito segredava-lhe que não tinha atingido ainda a perfeição.

Só acreditou no valor da sua obra quando, em 1859, a viu incorporada no programa do Teatro de S. Carlos, e ovacionada especialmente entre as obras de grandes maestros.

Deixara de ser o Tonico para se tornar o maestro Carlos Gomes.

Seguiu, pouco depois, para S. Paulo, acompanhado por seu irmão, o notável violinista Sant'Ana Gomes, e, na grande cidade paulistana, abriu finalmente as asas em tôda a envergadura.

Mas, tímido de condição, regressou pouco depois a Campinas. Faltava lhe a coragem para tentar o rumo do Rio de Janeiro, onde efectivaria a sua consagração artística.

Um dia, decidiu-se — e partiu.

Surgiram então as obras grandiosas a *Fosca*, o *Condor*, e muito especialmente o *Guarany*.

O grande orador Júlio Mesquita, falando junto do tumulo do insigne maestro, teve esta magnifica tirada:

«Ante a rajada harmoniosa das primeiras frases da sinfonia do «Guarany», que romperam daquela inspiração de caboclo tão naturalmente como se despenham as cachoeiras na matas dos nossos montes, que coroam as nossas serras, qual é de vós o que não se esqueceria de que é campineiro e paulista para lembrar-se apenas de que é brasileiro? Qual é de vós o que não se imaginaria por um momento recuado de três séculos no tempo, vivendo a vida libérrima dos indigenas em meio da imensa virgindade das nossas florestas sombrias, aspirando o cheiro agreste das nossas flôres nativas, ouvindo a vasta orquestração misteriosa da ramaria dos jequitibás copados estremecendo e farfalhando à viração do deserto e o acampamento estrepitoso das correderias em leito de granito, e, de espaço a espaço, uma repercussão terrível de tabas longínquas que se agitam em vesperas de combate, gritos de guerreiros, silvos de flexas, notas estridentes de borés que convidam à morte, o ruído sêco dos tacapes que descem e sobem vibrados por braços nús e musculosos, fanfarras alegres de inubias que anunciam a vitória, rugidos de tigres que passam quebrando ramos, esmagando folhas, arrulhos de juritís que vôam assustados e, depois, outra vez, o imponente silencio da solidão, cortado apenas, de quando em quando, pelo religioso unisono das vozes dos jequitibás que se combinam à lufada violenta das virações do deserto. Em seguida, quando intervem nesse concerto selvagem, como um gemido de coração magoado, o dôce soluço do canto de Cecy, quem não compreende que ao impulso do amor, mais forte do que o das lutas pela dominação, duas raças se fundiram fazendo de dois sangues um só sangue, êste sangue quente de mestiço que é o que em mais abundancia nos corre nas veias e circula pelas grandes artérias da nossa nacionalidade? Finalmente, quando se erguem precipitadas as notas ardentes do final da sinfonia, qual é de nós o que não tem uma lucida visão segura do nosso esplendido futuro de nação nova e seivosa? qual o que, ao menos, tenta reprimir o exército emplumado das suas orgulhosas aspirações que irresistivelmente se põe em marcha vertiginosa para a frente, acompanhando de perto a revoada fulgurante daqueles acordes?

Quando foi proclamada a República no Brasil, o govêrno provisório quís confiar o encargo de escrever o novo hino nacional ao excelso maestro Carlos Gomes que se encontrava em Itália. O genial autor do *Guarany* recusou-se terminantemente com estas duas palavras: «Não posso». E com elas devolveu o cheque de alguns contos de reis que lhe fôra enviado para executar o trabalho pedido.

A razão desta recusa não se ocultava em qualquer paixão política, mas tão sòmente nisto:

Sendo proclamada a República, foi suprimida a modesta pensão que o imperador concedera ao insigne maestro. Este recorreu a amigos no sentido de continuar a recober o que êle chamava o «pão de cada dia». Após larga discussão entre os membros do govêrno provisório, o pedido do ilustre compositor foi negado.

Assim se justifica, portanto, o seu gesto tão digno como altivo, sintetisado nas suas duas palavras: «Não posso!»

Mas será melhor ouvir o depoimento de Leopoldo do Amaral, testemunha deste mísero incidente. Eis como êle relata esta inconcebível mesquinhez:

«O estimado conterrâneo e legítimo chefe do partido republicano, Francisco Glycerio, regressava do Rio (Côrte, como então se dizia) entre abraços, flores, músicas e aclamações delirantes da multidão, dentro de uma verdadeira apoteose, como um triunfador. Por amor ao seu ideal político, não hesitára um momento sequer em atender ao chamado que lhe fôra feito da capital do Império, a fim de tratar de perto do mágno assunto.

Foi e lá se colocou em arriscadíssima, porém patriótica atitude, expondo-se a perigos de máxima gravidade, num posto de enorme sacrifício (seja dito sem a ênfase que barateia a frase).

No Rio tomou parte nas conferências secretas com Deodoro, Benjamin Constant, Quintino Bocayuva, Floriano Peixoto e outros próceres do novo regimen, nas vésperas da formidável explosão política, do dia 15 de Novembro.

Carlos Gomes, o génio musical, achava-se, então, em Campinas, seu berço querido. Como todo o artista digno deste nome, o maestro era de um temperamento nervoso, de sensibilidade vibrante às emoções fortes. Sentiu-se vivamente impressionado, interessando-se muitíssimo pelo seu grande amigo e protector, o venerando imperador D. Pedro II, que dias antes havia saído do Brasil, com a família imperial. Devia-lhe gratidão imensa, pois o bondoso monarca, além de outros benefícios, fornecia-lhe, havia tempos, embora pequena, uma pensão por conta do seu bolso particular. Atenuava, desse modo, as dificuldades na existência do eminente artista, no estrangeiro.

Com a queda do trono, viu o maestro suprimir-se-lhe bruscamente o modesto, porém, para êle, valioso auxílio que lhe vinha da munificência imperial. Nessa emergência lembrou-se do conterrâneo amigo, do vulto proeminente da República. Acompanhado de dois amigos e admiradores (quem traça estas linhas era um deles) Carlos Gomes dirigiu-se à residência de Francisco Glycerio, á rua Barão de Jaguara. Foi recebido entre as mais afectuosas manifestações de antiga amizade, com aquela bondosa franqueza de um coração aberto, tão peculiar ao saudoso chefe político.

Cumprimentos cordiais e recordações de tempos idos, formaram desde logo o prelúdio do motivo importante que levára o maestro á casa de popular cidadão: — ia pedir-lhe o apoio perante o govêrno provisório da República, relativamente á pensão suprimida.

Francisco Glycerio ouviu-o atentamente, demonstrando o máximo interesse pelo pedido, tendo, talvez, a cruzarem-se-lhe na mente idéas curiosas sobre o capricho do destino, ao ouvir em semelhante conjuntura, um conterrâneo, excelso, o compositor genial, a mais legítima glória artística musical das Américas!

Prometeu-lhe envidar seus melhores esforços sobre o caso, dizendo-lhe, mais ou menos, estas palavras:

— «Maestro, seguirei para o Rio, dentro de poucos dias e, lá, com os homens do govêrno, tratarei com máximo interesse do seu assunto. Por mim, a solução será segundo o seu desejo».

Em reunião ministerial, de 7 de Março de 1890, foi apresentada a pretensão de Carlos Gomes. Francisco Glycerio, como havia prometido, patrocinou vivamente a causa, entre os homens do govêrno, mostrando a maior bôa vontade sôbre o assunto.

Trocaram-se palavras e mais palavras, expenderam-se considerações, algumas de «órdem económica», talvez... E o modestíssimo pedido do maestro campineiro foi negado! Teve elle (segundo se disse) o apoio sòmente de Fl. Glycerio e Campos Sales!

A desventura empolgara-o no berço, e só na sepultura o largaria.

A carta que, pouco depois, escreveu de Milão, a um dos seus amigos mais queridos, patenteia bem o seus doloroso estado de alma:

Amigo F. Glicério:

Cumpro o dever de acusar o recebimento de tua carta de 8 de Março. Foi mais uma fineza de tua parte em responder ás minhas carta, pelo que te agradeço.

O meu desastre é completo e, comigo, devo arrastar meus inocentes filhos. Só me falta, emfim, o último passo: — transferir-me para Campinas e lá, queira Deus, possa morrer quanto antes. Adeus, adeus. Sempre teu amigo.

Milão, 7 de Abril de 1890.

A. Carlos Gomes.

Seis anos depois — isto é, no dia 16 de Setembro de 1896, faleceu o grande músico na capital do Pará.

Há quarenta anos que isto foi — e parece que ainda foi ontem.

O monumento a Carlos Gomes erigido em frente do Teatro Municipal de S. Paulo

Figuras que circundam o monumento, simbolizando os suas principais óperas de Carlos Gomes: «Condor», «Guarany», «Maria Tudor» e «Fosca»

FLÔRBELA ESPANCA

UMA CARTA INÉDITA DE SÓROR SAÙDADE

FLÔRBELA ESPANCA é dentro de mim Sóror Saùdade, um motivo de sonho, quási um instante de lenda na minha vida agitáda de coleccionador de emoções, de silêncios e paîsagens interiores. Certa tarde, retocada por um suavíssimo azul crepuscular, Sóror Vitral, Sóror Saùdade, Flôrbela, fixou fundo nos meus olhos escuros, maguados pela vida, e ficou neles, parou neles para sempre. Nunca mais a esqueci, e nunca mais as suas cartas, cheias de ternura e amizade, se apartaram de mim.

A maior de tôdas as poetisas portuguesas, a maior de tôdas, na justa expressão de um grande poeta brasileiro, e na de Pascoais, o maior da língua portuguesa, a do colo de garça, não foi acarinhada pelos detentores da crítica, quando o seu primeiro livro apareceu nas vitrines elegantes de Lisboa; não o foi, e só meia dúzia de escritores repararam nos seus admiráveis sonetos, ungidos de outono, patinados de uma estranha e rara melancolia, de uma requintada e filosófica sensibilidade. Fui dos que acompanharam, ainda que de longe, a gigantêsca obra de Flôrbela, dos que viram nascer com carinho, e exaltada admiração do público, aquele bom público lusíada desviado há muito da literatura pura.

Fui dos que acreditaram no seu talento, nos seus desânimos criadores, nos esbatidos e cinzentos das suas tardes fecundas, e fui, tambem, um dos raros que ao saber da notícia da sua trágica morte, quando tudo era sol pôsto junto dela, tudo, deixou tombar uma lágrima de saùdade, sincera e febril, evocadôra e amiga.

Vila Viçosa, 15-1.º-1920.

Augusto d'Esaguy:

Sóror Vitral recebeu a sua carta numa nevoenta madrugada tôda envolta em brumas, melancólica e ascética, num triste alvorecer dum dia sombrio como um anoitecer de outubro. Sóror Vitral tinha chegado dum baile! No seu vestido de noite, simples como um hábito, havia tons cinzentos de madrugadas pálidas, e a sua carta era também a madrugada tristissima dum tristissimo sonho que nunca têve anoitecer. Bem haja pela confidencia dolorosa que pôz nas minhas mãos e que tão suavemente as tocou, como se nelas tivesse desfolhado saùdades. É linda a história que me contou; e tão linda que Sóror Vitral a poisou dôcemente, como quêm amortalhasse rósas, na mais branca e triste céla do seu convento, na céla onde ela guarda outras coisas lindas, magnificamente lindas, intangiveis como sonhos, perfeitas como impossíveis quiméras, outras coisas que nenhuns olhos vêm e que só as suas mãos tocam, religiosamente, nos crespuculos tristes, quando os crisantemos se desfolham e as primeiras violetas abrem os olhos macerados. Obrigada pela linda joia que fica sendo a mais linda de tôdas as minhas joias.

A minha carta é injusta?... A minha carta é injusta, porquê? Porque a sua me magoou, porque lhe disse com esta simples franqueza, que é um dos meus grandes defeitos? — Como o advinharia eu! Como achar a sua profundissima alma de artista, a pobre alma louca igual à minha, sôb essa outra alma que eu estava habituado a olhar nos seus olhos escuros sem uma sombra, na sua bôca irónica de sorriso impertinente, no seu perfil tão português, de rapaz da moda que passeia na Rua do Oiro e que me faz flirt... nos carros elétricos... Aqui, você tem um dos tais irritantes sorrisos que tanto me enervavam, dantes, quando eu o não conhecia como o conheço ágora. Perdoe-me o péssimo conceito que de si fazia uma mulher que o não tinha visto ainda. Não podêmos nem devêmos conceber a personalidade moral duma criatura pelos livros que essa criatura lança à sonolenta curiosidade dum público como o nosso. Há tanta literatura nas dôres mais soluçadas. Tanto estilo, tanta fórma nas máguas que mais nos comovem. E se bem que a tristeza das almas incompreendidas, nêstes últimos anos fôsse ridicuralisada por todos os modos, se bem que essa arte tôda nostalgia e sonhos vagos fôsse substituida por um americanismo «snob» que tudo parece envolver agora, se bem que tôda a gente fale de alegria, de côr, de luz, terra, Pátria, e outras palavras assim sonóras e lindas mas que ninguêm entende, ainda há quêm com a alma cheia de ilusões, e a bôca cheia de risos, ache bonito soluçar versos tristes que não sente, que nunca sentiu, que não pode mesmo sentir. Como advinhar no meio de tanta joia falsa, a fantástica joia feita de pérolas de lágrimas! Como advinhar no rapaz que tão insolentemente, às vezes, me fitava — perdoe-me se digo a verdade! — o autôr de uma futura carta, como esta que tenho aqui, e que me trouxe uma alma como as raras que ainda encontrei no Mundo e de quem sou a grande e fiel amiga! E agora, você diga-me, porque se importa com o sofrimento dos outros? Que haja desgraçados que lutem todos os dias, que haja hospital e cadeia, miséria e fome, o que é que isso faz? Estéril a minha piedade, vã a minha compaixão; eu limito-me a ser bôa, a ser misericordiosa, para aqueles a quem a minha bondade, a quem a misericordia do meu amparo pode auxiliar um pouco.

Flôrbela Espanca

Sou egoísta? Serei, mas como eu sou sincera! No mundo, passo por todos, vendo alguns; na vida esqueço-me de quási todos, esquecendo-me de mim. Quási tudo me é indiferente. Aqueles com quem lido dão-me às vezes a idéia de sombras, de fantasmas, de manequins, não me parecem iguais a mim, e tenho às vezes a impressão de que tôda essa gente que passa por mim nas ruas, vai desaparecer como figurantes de mágicas. Sou talvez uma banal menina nervosa, ou uma simples «détraquée» que tem contas com a medicina... Talvez.. Não têmos, então, o direito de gritar a nossa dôr, o nosso desespêro, o nosso tédio, porquê? Eu não disse nada disto fôsse a quem fôsse; tudo isto eu gritei mas para mim, mas para mim só. Publiquei o meu livro para fazer a vontade a meu pai e a outras pessôas que me pediram a publicação de versos que eu nunca pensei em divulgar, tão humildes êles me pareciam, como na realidade são. Fala-me ainda, você, de José Duro, de Anto, de Wilde. Eu não os leio, já nem creio nêles. Agora leio-me... e passo os dias na decifração dessa charada que é simples como tudo o que é extravagantemente complicado. Perdoe-me o paradoxo e a longa carta. A sua não me fatigou como diz, antes me deu prazer e me fez bem. Sóror Vitral, de longe, estende para si as mãos, como uma irmã, e não lhe deseja venturas pornunca Deus ouviu os seus desejos para os tornar realidades belas... Sóror Vitral sempre se enganou... Adeus. Creia-me muito sincera e afectuosamente amiga.

Flôrbela.

São da carta de Flôrbela estas palavras: «Tudo isto eu gritei mas para mim, mas para mim só! No soneto *A minha dôr*, escrito na mesma data desta carta, a poetisa do «*Livro de máguas*», diz «E ninguêm ouve e... ninguêm vê .. ninguêm ..» Na carta e no soneto o mesmo drama, idêntica tragédia interior, o mesmo cenário que se arrastou até o instante trágico da sua morte.

A minha Dôr é um convento ideal
Cheio de claustros, sombras, arcarias,
Aonde a pedra em convulsões sombrias
Tem linhas dum requinte escultural.

Os sinos têem dobres d'agonias
Ao gemer, comovidos, o seu mal...
E todos têem sons de funeral
Ao bater horas no correr dos dias...

A minha dôr é um convento. Há lirios
Dum roxo macerado de martirios,
Tão belos como nunca os viu alguem!

Nêsse triste convento aonde móro,
Noites e dias rezo e grito e chóro!
E ninguêm ouve .. ninguêm vê... ninguêm...

Flôrbela, Sóror Saùdade, minha Irmã, — Presente «Tu, sim, tu eras Alguém ...»

1919.

Augusto d'Esaguy.

Francisco Villaespesa

RECORDAÇÕES DO POETA VILLAESPESA

Cuando te acercas á velar en vano
al niño Amor, que pálido reposa,
consumido de ardor, como una rosa
que agostaron los soles del verano,

¿qué te estremece, corazón liviano?...
¿Qué fiebre de cantáridas te acosa,
que se apaga á los vientos temblorosa
la lámpara de Psiquis en tu mano?

¡Amor, á los zarpazos de las fieras,
que te dejan sin sangre y sin substancia,
al fuego estéril que tus ansias trunca,

prefieres la ilusión de las palmeras
que se aman, á través de la distancia,
sin que se besen ni se abracen nunca!

FRANCISCO VILLAESPESA.

Foi em meados de 1906 que Villaespesa veio a Lisboa e, com êle, Manoel Verdugo, interessante temperamento, de artista que me deixou um livro de versos, alguns pequenos esboços e desenhos a lapis e uma flagrantíssima caricatura de Villaespesa, feita a três traços, com aquela melêna sempre caída sôbre a fonte esquerda e a bôca entreaberta naquêle ar de criança ingénua, que tanto caracterizava Francisco Villaespesa.

Desconhecedores, um e outro, do valor do dinheiro, malbarataram de tal modo o que haviam trazido para a sua estada em Lisboa, que em breve se acharam em difícil situação.

Um dia, de manhã, fui encontrar Villaespesa na Café Gêlo, sentado a uma mesa, junto do porta trazeira do café, como um naufrago que nada tivesse a que se agarrar. Manoel Verdugo não estava; era um outro naufrago que ia levado pela torrente.

Abonei-lhe as passagens para Madrid. Que mudança, que metamorfose! Como o naufrago se transformou em D. Quichote! Com que efusão agradeceu a tábua de salvação que eu lhe apresentava.

Partiram nêsse mesmo dia e ficamos grandes amigos.

Villaespesa levava de Portugal a ideia, que realisou, de publicar com o nome de "Renascimiento Latino„ uma espécie de magazine literário, onde colaborassem escritores portuguezes e espanhois, publicação de que, infelizmente, só saíram pouquissimos números.

Quando em Fevereiro do ano seguinte eu fui para Madrid, uma vez instalado em Montera, 12, o meu primeiro cuidado procurar Villaespesa. Como sabê-lo? Resolvi preguntá-lo na primeira livraria que encontrasse, e encontrei-a logo à entrada da Carrera de S. Jeronimo.

Á minha pregunta, o livreiro respondeu: "O poeta Villaespesa? Pois não havia de saber?„ E disse isto com ênfase, com um certo orgulho, como se fôsse ofensivo para um espanhol não conhecer o poeta Villaespesa.

Morava em Jacometrese, numa pensão. Quando entrei no seu quarto, fui encontrá-lo na favorita posição em que passava os dias: deitado na cama, todo vestido, mas sem meias, mexendo os dêdos dos pés de polegada e meia, fumando sempre e espargindo por tôda a parte a cinza dos cigarros nos movimentos da gesticulação.

Acompanhavam-no dois jovens literatos e, sentado a um canto, um homenzarrão macamúbzio e mudo.

Foi exuberante a alegria com que me recebeu e, apresentado aos seus amigos literátos, entramos de tagarelar. Falou-se de tudo: de literatura, de teatro, de impressões de viagem, de política, etc.

Falavamos todos em algaraviada, menos o homem taciturno e mudo.

A certa altura da conversa, Villaespesa pediu silêncio, e, dirigindo-se ao homem taciturno, disse-lhe que escrevesse. O outro puxou de linguados e pena, e Villaespesa começou ditando: Era uma novela, que a inspiração acabava de lhe trazer de chofre. Ele ia falando sempre, o outro ia escrevendo e nós, enleados, a ouvir. Quando acabou, pediu os linguados e leu-os devagar, para si, emendou duas palavras, completou a pontuação, assinou e entregando-lhos de novo disse-lhe que os levasse a certo jornal.

O tal homem taciturno era o seu secretario.

Quando volveu, meia hora depois, entregou a Villaespesa uma porção de duros. Era assim que Francisco Villaespesa ganhava a vida, e era assim que os jornais de Madrid pagavam a colaboração literaria. Villaespesa vivia, portanto, num contínuo dia a dia, ganhando à tarde o que desperdiçava pela noite no café onde nós todos nos encontravamos, mas sem se esquecer de repartir as pesetas pelo macambúzio seu secretário.

Um dia, pedi-lhe, para evitar possíveis denúncias, que mandasse o secretário comprar um vigéssimo da lotaria espanhola.

— Esse não, êsse não, — disse êle com vivacidade, — que é "um mala pata„, e pediu a um dos jovens literatos seus amigos que se desempenhasse da missão.

Afinal o tal amigo foi tão "mala pata„ como o secretário, pois o bilhete saíu branco...

Almeida Reis.

PÁGINAS FEMININAS

ESTAMOS na época das férias, época de descanso e distracção. Em tôda a parte os Casinos de termas e praias regorgitam de gente, as festas sucedem-se e nesta época, todos os anos a humanidade parece esquecer as suas dôres e aflições.

Só a alegria reina nos pontos de reünião, de elegância ou de repouso. Faz-se a cura das almas, como se faz a cura dos corpos. O ar livre, a ginástica, a natação, todos os desportos desintoxicam os corpos, que a vida das cidades fadigára.

A alegria, a música, a dansa, desanuviam a alma e fazem-nos renascer. Navios lindos, como cidades flutuantes, cruzam os mares, cheios de gente alegre e môça, que nos ares tónicos do Atlântico, do Mediterrâneo e do Adriático, procura a revigoração dos seus organismos depauperados, pela vida excitante que modernamente nos agita.

Neurasténicos procuram o equilíbrio dos seus nervos, nesses cruzeiros de sonho ou nas tranqüilas paragens à beira dos lagos suiços ou da Alta Itália

Mas êste ano a alegria mundial está arrefecida, gelada, pela convulsão terrível que agita a Espanha.

Os olhos do mundo estão cravados na nossa visinha, que ensagüentada, luta desesperadamente.

Os cruzeiros deixam todos irresolutos. Como viajar nas águas calmas e serenas do Mediterrâneo, que nesta época do ano se assemelha a um calmo lago de safira azul, se à entrada dêsse mar tão belo os combates põem em risco a vida de quem navega sôbre essas águas?

E que alegria se pode ter sabendo que há um país onde se luta e onde se sofre.

A Espanha visinha e irmã é para nós um país tão próximo, que os seus sofrimentos e o seu mal estar não podem ser-nos indiferentes. É rara a família portuguesa, que não tem um parente ou amigo em Espanha, e quem não há-de estar inquieto sabendo, que não há cidade, não há povoação, em que se não combata, êsses horríveis combates da guerra civil, mais dolorosos e mais crueis do que a guerra com o estrangeiro, do que a invasão dum inimigo estranho.

Criaturas da mesma família em campos opostos degladiam-se e matam-se, com entranhado ódio. Deixa de haver amigos, deixa de haver família. Adversários de rara ferocidade nascidos na mesma terra, criados nos mesmos hábitos, empregam tôda a sua coragem em se despedaçar, em fazer todo o mal possível.

É impassível que os remorsos não dilacerem as almas dos profissionais das revoluções, daqueles que acendem as fogueiras do ódio e a revolta dos povos. Mas se todos nos inspiram a maior compaixão, que diremos das mulheres e crianças, vítimas inocentes dos ódios dos homens, que envenenam as suas almas com a política, com as suas utopias e teorias, que, postas em prática, não dão mais que sangue e luto.

As crianças que perdem a vida no bombardeamento de cidades indefezas e que ficam orfãos, nas traições duma guerra entre irmãos.

Crianças que tôda a sua vida terão diante dos olhos os espectáculos sangrentos que sombrearam a sua existência, numa época em que só sorrisos os deveriam rodear.

E as mulheres vítimas e mártires de tôdas as convulsões dêste género inspiram a máxima compaixão, começando por essas viragos, que de armas na mão saqueiam e incendeiam, derramando torrentes de ódio nas almas dos homens, são essas criaturas, que saídas do recato que ao seu sexo é devido, são êsses pobres entes, que deixam de ser mulheres, para se tornarem monstros, as que mais piedade merecem, porque fora do seu meio e da sua situação de mulher deixaram de inspirar o desejo de protecção, para só atraírem sôbre si o pavor e o horror.

Esposas e mães, filhas e irmãs, que neste momento sofrem em Espanha os maiores tormentos e enxovalhos que os homens em delírio sangrento, tornados animais ferozes podem fazer. Mulheres que nos seus oratórios, pedem a Deus compaixão para os seus, que choram e animam os combatentes, mulheres que para a família vivem e que dos mais ternos sentimentos da alma têm feito o fim da sua vida, que sentimento de fraternidade não encontram na alma da mulher portuguesa, que como a espanhola dedica tôda a sua vida ao carinho dos seus, e, à felicidade do lar.

E assim êste ano não pode haver alegria nas termas e nas praias, os cruzeiros não são já êsse remédio para os fatigados, as festas não podem ter brilho, porque as mulheres de todo o mundo, que sentem e têm alma, não podem ter alegria, nem desejo de se divertir, ao saber trespassadas de dôr e, cobertas de luto, tantas mulheres em Espanha, mulheres que choram sem casa e sem ninguém, o martírio de ver os homens da sua terra matarem-se como feras.

Maria de Eça.

A moda

COMEÇA a querer definir-se a moda de outono ainda que, as elegantes entregues às delícias da beira-mar, se não preocupem neste momento, com as «toilettes» que as tornarão encantadoras e de novo, rainhas da moda, no seu regresso à cidade.

Por enquanto triunfam as «toilettes» leves de praia, os curtos vestidos de desporto e os vestidos de Casino, mas os criadores da moda, já em Paris começam a lançar a moda de outono que nos orientará de princípio, sôbre o que se vai usar no inverno.

A moda de outono como a da primavera são modas que se resentem de ser modas de meia estação, modas que têm a duração dum relâmpago, estações fugidias, mas fica sempre um fundo dessas modas nas quadras do verão e do inverno. São portanto modas a que temos de prestar uma certa atenção.

Estas primeiras modas de outono, marcam a predilecção pelo bolero. Êsse bolero que já tanto se usou.

Damos hoje um modêlo muito elegante e muito simples em que o bolero se torna graciosíssimo. Sôbre um vestido princesa em lã preta um original bolero de largas bandas, forradas de «organdi» branco, pespontadas a preto. As bandas formam um laço na frente. Os canhões do bolero, são também em «organdi» branco pespontados a preto.

O decote do vestido é guarnecido com uma larga tira de «organdi» enviusado, pespontado a preto. Chapéu todo em peninhas pretas e luvas brancas, completam a «toilette».

Para a noite continua o triunfo dêsses lindos e frescos vestidos de «organdi» que rejuvenescem e embelezam a mulher e se prestam a tantas e tão variadas combinações.

O modêlo que damos hoje é encantador sôbre o vestido de «organdi» de delicadas ramagens e bordado com grossas pastilhas pretas, folhos cortados a geito e colocados ao alto e um capucho caído nas costas em «organdi» branco, dão ao vestido um aspecto de saír de brancas nuvens. Os folhos das mangas são também em «organdi» branco. O cinto em «paillette» preto e branco dá uma nota «chic» a esta elegante e simples «toilette» que encantará tôdas as raparigas.

As blusas estão de novo em moda e algumas apresentam as mais originais formas e os mais belos tecidos.

De facto nada há de mais comodo do que uma dessas elegantes blusas, que quando se tira o casaco nos deixam a impressão de se estar em «toilette». Com um «tailleur» em veludo preto, blusa de «chiffon» branco com «pois» pretos bordados, as frentes da blusa em folhinhos, que veem todo em volta do pescoço traçam formando laço atraz. As mangas até ao cotovelo também em folhos.

Boina em veludo preto completa êste elegantíssimo e prático conjunto.

Uma das coisas em que a mulher é cada vez mais requintada e elegante, é nas suas roupas de baixo e com razão, porque se não pode ser elegante senão usando tudo a dizer. E se os vestidos exigem umas roupas cuidadas, e elegantes para cair bem, não se compreende que a mulher elegante ao mudar a sua roupa, à noite não vista uma elegante camisa de noite.

Damos hoje um simples e lindo modêlo que pode ser executado em «crêpe de chine» ou em «voile triple». O feitio duma grande simplicidade é também da máxima elegância. Fecha com cordões de seda e borlas e um cordão aperta-a na cinta. Fica linda em branco, azul celeste, rosa ou lilaz.

Ainda êste mês os desportos da praia chamam a atenção, e na verdade a saúde lucra mais com êsses jogos com a bola e com uns passeios, do que com a inatividade dos exagerados banhos de sol.

Em flanela branca uma graciosa saia de prégas curta sôbre o «maillot» de lã amarela e como guarnição um lenço em seda graciosamente atado e eis uma elegante «toilette» para estar na praia fazendo a jôgo da bola tão recomendado às senhoras que querem emagrecer.

A mulher no desporto

A mulher moderna tem uma actividade, que o desporto mantém e que faz com que lhe seja conservada a linha de juventude até muito tarde.

As praias com o mar, a natação, o remo, são nesta época um grande desafogo para as desportistas, mas não é só à beira mar, que se faz desporto.

A montanha é no inverno e no verão uma das melhores distrações, para as senhoras, que gostam de exercer a sua actividade e de melhorar a sua saúde.

No inverno o «ski» proporciona-lhes as melhores emoções como deliciosa distração. No verão há as excursões e as escaladas que dão à mulher ocasião de se exercitar na exploração da montanha. Entre nós ainda a montanha não é muito explorada no verão e no entanto, que belas excursões se podem fazer na Serra da Estrêla, no Marão, na Serra da Gardunha e nas serras de Arouca.

O desporto na montanha exige um grande sangue-frio, muita coragem e resistência à fadiga.

A mulher portuguesa é um pouco indolente e não gosta muito do esfôrço, por isso há poucas entusiástas das excursões nas montanhas.

No estrangeiro nesta época do ano a montanha é explorada por inumeras senhoras e algumas salientam-se pela sua energia como M.elles Héléne e Marguerite Bouvier, que bem conhecidas são na região de Chamonix, onde são conhecidas pelas vencedoras da montanha rebelde.

Golpe de vista, pernas rijas, coragem e decisão são indispensáveis às exploradoras de montanhas, e também uma absoluta resignação para a falta de confôrto, que a excursão na montanha, que em geral se prolonga alguns dias, requer.

E' um desporto que educa a vontade e o golpe de vista, que habitua a ser iniciativa e a resolver dificuldades, fortifica e torna a mulher corajosa e prática.

E eis uma maneira de exercer a actividade feminina, de criar músculos e de vencer dificuldades.

O mobiliário

QUAL é a mulher que se não interessa por ver uma casa «chic» e original embora não tenha riqueza? Nenhuma porque a casa é a moldura à sua beleza e tem de ser bela também.

As novidades sucedem-se e agora há uma das mais interessantes, que muitas das nossas leitoras não conhecem e que é dum efeito encantador nas casas de praia ou campo, são os estofos em «piquet» branco, que se harmonisam maravilhosamente com as mobílias lacadas em côres vivas.

Dum efeito encantador a salinha numa pequena vila à beira mar, com o seu «divan» e «maples» em «piquet» branco, e, armário e mesa e «porte bibelots» lacadas a vermelho, ou a azul turquesa, com as cortinas em itamine branca ou em «organdi» de leves desenhos, aqui temos um delicioso cenário para a mulher elegante nos seus frescos trajos de praia, que não renuncia a ver-se rodeada de confôrto e beleza.

Um lindo «abat-jour» e elegantes jarras com flores completam esta graciosa e elegante sala, encantadora na sua simplicidade.

Receitas de cozinha

Pudim gelado de frutas: Gelatina loignet 30 gramas, 2 decilitros de água para dissolver a gelatina, açucar pilado 200 gramas, vinho branco, uma colher, vidrado de 1 limão, 1 pau de canela, compotas de frutas.

Deita-se a gelatina em água tépida e dissolve-se, junta-se-lhe o açucar, o vinho branco, o pau de canela e o vidrado do limão; leva-se o limão a levantar fervura e côa-se.

Deita-se em seguida numa fôrma de lata uma parte da calda até estar quási congelada. Sôbre essa geleia dispõem-se as frutas de compota, cobrem-se com o resto da calda gelatinosa, que se deve ter conservado tépida e põe-se depois tudo a arrefecer, mergulhando a fôrma em água fria, gelada, no verão.

Serve-se com os seguintes biscoitos: 2 decilitros de leite, açucar refinado 500 gramas, manteiga 500 gramas, farinha de trigo 1000 gramas Amassam-se os diferentes elementos numa vasilha de loiça, um pequeno alguidar por exemplo, e, depois de amassados, estende-se a massa na tábua e com uma fôrma cortam-se os biscoitos que vão ao forno em tabuleiros polvilhados com farinha.

Higiene e beleza

PARA as senhoras que se queixam de ter o cabelo gorduroso, nada há que mais o prejudique do que a água do mar. O sal com a gordura forma uma massa detestável e não há possibilidade de fazer um bonito penteado. E' preciso o maior cuidado.

Apesar do uso da touca de «cautchouc» as nadadoras, veem sempre com o seu cabelo molhado; é pois necessário ao chegar a casa lavá-lo com água doce e um sabonete de ácido salicílico.

A' noite esfregar bem o [couro ;cabeludo com alcool a 90° para tirar a gordura, de três em três dias.

De oito em oito dias lavar a cabeça com uma gema de ovo Bate-se a gema de ovo muito bem batida, e abre-se o cabelo em riscas esfregando bem depois aplica-se todo o ovo e passa-se o cabelo em várias águas até ficar perfeitamente lavado. Tendo êste cuidado chega-se ao fim da temporada de banhos sem que o cabelo tenha sofrido nada com êles.

De mulher para mulher

Alda: Mas se o médico a proíbe de ir para a praia e a manda fazerum repouso na montanha, não compreendo a sua hesitação. Na Beira, nas faldas da Serra da Estrêla tem lugares otimos para êsse fim. Vá sem a preocupação dos divertimentos, arranje bons livros e repouse o mais tempo que puderao ar livre. A vida não é feita só de divertimentos, um repouso faz-lhe bem e sobretudo não apoquente seus pais.

Enérgica e decidida: Belo pseudónimo e que coragem a sua carta revela. Acho interessantíssima a sua carta e a vidaque faz em Africa; não calcula o contraste das lamentações de algumas cartas de senhoras que têm de passar meses na província, com a sua vida de dois anos de Africa. Montar a cavalo faz-lhe muito bem. Os vestidos de linho são na verdade os mais próprios.

Para a noite empregue os vestidos de «organdi» que são uns amores e lavam-se muito bem o que aí é da maior utilidade. Coragem e continue a saber viver.

Rosa Branca: Para emagrecer faça exercício, ande muito a pé e não coma muito. O vestido em setim branco é o mais próprio. Só participe às amigas com quem deseja conviver depois de casar.

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO

UM ILUSTRE BRASILEIRO

O Brasil não é para Portugal simplesmente uma nação amiga, com a qual mantém as melhores relações. O Brasil é um filho de Portugal.

Quando se tornou independente, porque forte e rico se podia governar, foi não o filho ingrato que abandona os pais, quando já dêles não precisa, mas o filho que, independente conserva, por aqueles que lhe deram o ser, ternura e amisade.

Os brasileiros são, portanto, irmãos muito queridos para os portugueses, que com carinho se orgulham das glórias e triunfos de seus irmãos e que sentem verdadeira satisfação quando algum brasileiro se distingue no mundo das Letras, da Arte ou na Sociedade, sobretudo se êsse brasileiro, que engrandece o seu país é descendente de portugueses como sucede a Carlos Magalhães de Azeredo, neto de portugueses, ilustre e distintíssimo diplomata, escritor brilhante, espírito de poeta delicadíssimo, e, homem de sociedade, pela sua nobreza de carácter e maneiras de requintadíssima elegância.

Carlos Magalhães de Azeredo, natural do Rio de Janeiro começou muito novo a tornar-se célebre no mundo das letras como mais tarde o seria também no da diplomacia.

Quando começou a escrever, o superior elemento literário brasileiro dêsse tempo estava dominado pelo realismo, em oposição ao romantismo, que engrandecia poetas como Olavo Bilac e Raimundo Correia. Na prosa marcavam Machado de Assis, Aloísio Azevedo, Júlio Ribeiro, realistas.

Magalhães de Azeredo, teve nesse ambiente intelectual um lugar à parte uma situação muito interessante como o prova o seu primeiro livro publicado, «Alma primitiva» em que começa a marcar a sua emotividade poética, duma religiosidade sincera.

Este espírito superior dedicou-se à diplomacia e quasi tôda a sua carreira foi feita em Roma, de onde apenas esteve ausente, quando promovido a ministro foi colocado em Atenas, onde esteve apenas seis meses, voltando para Roma como embaixador, onde até há pouco exerceu com o maior brilho para êle e para o seu país as delicadíssimas funções de que fôra investido.

Aí nessa superior atmosfera de arte e cultura o seu delicado espírito e o seu real talento, adquiriram tôda a sua pujança, como no-lo demonstram os seus admiráveis livros «Baladas e fantasias» e «O poema da Paz»: o maravilhoso perfil de Leopardi, o grande poeta italiano no seu livro «Nourini e libri», «Horas Sagradas» deliciosos sonetos «Vida e Sonho» e tantas outras que neste pequeno artigo me é impossível especificar.

Poeta límpido, prosador brilhante; amante profundo dos clássicos, dos quais prefere Vergílio, Ovídio, Praperzio e Zibulo, mais próximos do seu espírito elegíaco e contemplativo, Carlos de Azeredo é um dos escritores que conservando pura e bela a sua lingua, engrandecendo a nossa, mais soube amar e compreender à literatura e o espírito de Arte da pátria de Dante, de Manzoni e de Leopardi.

A Itália que êle ama como sua segunda pátria e onde o seu espírito se expande onde a sua alma se adaptou ao ponto de ficar vivendo em Roma, quando terminou a sua carreira, sabe apreciar o seu altíssimo valor e nessa Roma Augusta onde a vida de sociedade é tão requintada que Carlos Magalhães de Azeredo e sua esposa souberam impôr-se relacionando-se com a melhor sociedade romana onde marcam pelas admiráveis festas que na sua casa de Via Villa Emiliani organizam, que tornam notáveis pelo gôsto artístico, que é sempre a sua característica e que não são apenas banais reüniões mundanas, como há tantas na sociedade civilizada do mundo.

Carlos Magalhaes ae Azeredo

Os seus méritos de artista foram reconhecidos pelo seu país de eleição e entre muitas outras distinções, foi-lhe há pouco conferida uma das maiores honras que nêsse país se faz aos artistas, aos homens de talento e de verdadeiro valor e que a poucos estrangeiros é conferida. Foram-lhe concedidas os «Allori del Palatino» os «Louros do Palatino», distinção esta que se não dá a qualquer e que tem um alto significado na vida intelectual da cidade de Roma que será sempre uma das mais cultas e das mais interessantes cidades do mundo, se não é sem favor, a mais alta de tôdas, no campo da Arte e de Intelectualidade.

Mas não foi uma banal concessão que foi feita, mas uma distinção que o seu mérito exigia, foi numa honrosa sessão da «Accademia Latinati Excolendal», que solenemente lhe foram entregues os «Allori del Palatino», pelo vice governador de Roma, marquês Dentice D'Accadia, tendo feito um brilhante discurso o secretário da «Accademia», senhor Enrico Contardi-Recadio, animador entusiasta da manifestação, citando tôda a obra literária do homenageado de quem soube apreciar o levantado valor.

O senador conde Alfredo Baccelli disse, também todo o aprêço em que é tido, no meio intelectual de Roma, Carlos Magalhães de Azeredo, que num lindíssimo e elegante discurso manifestou o seu agradecimento e também quão justa era a homenagem que lhe faziam.

Nesse discurso fez sentir bem qual foi a influência romana no seu espírito, influência que se começou a fazer sentir nos bancos do «Colégio de Itu, no Rio de Janeiro e que a Providência permitiu, que se desenvolvessem na sua longa permanência em Roma. Os primores dêsse discurso não são fáceis de reproduzir, pois só êles justificariam a distinção recebida.

A esta homenagem assistiu tudo o que de mais distinto há na sociedade romana, os mais belos nomes do patriciado ali estavam representados, Sua Alteza Eminentíssima o Príncipe Chigi, Grão-mestre da Ordem Soberana de Malta, a arquiduquesa Immacolada de Austria, a filha do Presidente da República do Brasil, M.elle Vargas e inúmeras outras pessoas, em que predominava a colónia brasileira, escritores italianos e estrangeiras, enfim tudo o que se distingue na sociedade romana.

Uma distinção destas conferida a um brasileiro, a um neto de portugueses, não podia de forma alguma passar despercebida em Portugal onde os triunfos dos brasileiros são recebidos com a alegria que causam os triunfos dos filhos de Portugal.

E todos os que se interessam pelo movimento intelectual do mundo. pelo que de superior se passa na «élite» de tôdas as cidades do mundo civilizado, sentem prazer ao conhecer a distinção feita a um quasi patrício, a um brasileiro, filho distinto da nação mais querida dos portugueses, daquela que é como que a continuação do nosso país na América Latina, país que nos prolonga além Oceano e cuja literatura na mesma língua, é uma glória nossa, a que muito queremos e que nos enche de orgulho. Orgulho que aumenta ao vermos como os outros países reconhecem o seu merecimento.

Maria de Eça.

O MISTÉRIO DE JULIANA SANTOS

Há trinta anos os freqüentadores do teatro do Gimnásio foram surpreendidos pela resolução de uma das suas mais queridas actrizes, que, fatigada dos aplausos e das glórias vãs dêste mundo, achara melhor refugiar-se na paz serena do claustro. Tratava-se de Juliana Santos, e mal passara ainda a ridente idade dos trinta anos.

E daí — quem sabe? — talvez o boato não passasse dum simples gracejo, à semelhança de tantos outros que a mocidade de então se entretinha a urdir, por não ter mais nada que fazer.

Após as necessárias indagações, verificou-se que a notícia tinha fundamento, visto que a actriz Juliana Santos entrara com tôdas as honras para a Congregação das Filhas de Maria, consoante o documento comprovativo do acto, de que foram tiradas cópias.

Calcule-se a celeuma, levando ainda em conta que o famoso caso Calmon, do Porto, estava recentíssimo.

O documento inexorável como uma sentença de morte, resava assim:

"A sr.ª Maria Juliana da Madre de Deus foi admittida a 2 de Fevereiro de 1905 na Congregação das Filhas de Maria, erecta, em Lisboa, na igreja de Santa Brígida.

"Fica por isso participando de tôdas as graças, privilégios e indulgências que a Santa Egreja concedeu á Congregação Prima-Primária de Roma, á qual ella foi canonicamente aggregada e devem-lhe ser applicados, quando passar désta vida, os suffragios que se costumam fazer pelas Filhas de Maria falecidas.

Lisboa, 2 de Fevereiro de 1905.

O director — Padre João Dias Silvares; *A presidente* — Maria d'Albuquerque Barbosa Saraiva; *A secretaria* — Anna d'Albuquerque B. Sousa Lara."

Era, então, verdade.

A encantadora Juliana que todos gostavam de vêr nos deliciosos papeis da *Patifa da Primavera*, de *Sua Excelência*, *Durand & Durand*, *Alfaiate de Senhoras*, *Festa de inauguração*, *Zaragueta*, *Madrinha de Charley*, ia desaparecer para sempre.

Dentro em pouco ninguém se lembraria dessa irrequieta rapariga que nascera fadada para o teatro, a ponto de representar papéis aos sete anos de idade, como na *Vida de um rapaz pobre*, em que fez a parte de "Cristina Oyadeck", como no *Suplício de uma mulher*, e outras peças que metiam crianças.

Essa interessante artista que, aos catorze anos, tanto dera que falar em Lisboa com o desempenho que pusera na celebrada peça *Os Lazaristas*, ia recolher-se ao silêncio de um convento como qualquer jóvem torturada da Idade Média!

Juliana Santos

Não, não podia ser assim...

Mas como conseguir fazê-la regressar ao palco, se ela própria o abandonara por sua livre e expontânea vontade?

Tentou-se o último recurso, metendo a mãi da artista nesse assunto, após ter-se-lhe mostrado o êrro dum tal passo que não fôra dado por vocação, mas por um simples capricho, e na ânsia de novas emoções.

Quando a vida artística mais parecia sorrir à aplaudida actriz, é que ela se recolhia a um convento? Não, não podia ser assim...

A mãi, que alguma influência deveria ter sôbre ela, que a convencesse com os seus rogos e a comovesse com as suas lágrimas, fazendo-lhe ver que seria imperdoável ingratidão abandonar aquêles que tão carinhosamente lhe tinham tributado sempre os mais festivos aplausos.

E, depois, qual das situações seria a melhor: ser consagrada pelas multidões, ser adorada como uma deusa, ter um plinto de oiro como um ídolo, ou definhar-se entre as quatro paredes frias de uma cela sem ar como um fruto apodrecendo lentamente na escuridão dum celeiro?

Em que desagradaria a Deus? Em aproveitar-se das prodigiosas faculdades que o mesmo Deus lhe concedera?

Pois não serão as actrizes anjos imaculados e benfazejos quando colaboram com o seu talento nalguma festa de caridade?

Em face de tantas razões, a mãi da actriz tornada monja decidiu-se a falar-lhe, na firme disposição de a convencer. E tão bem se desempenhou da sua missão, que a trouxe consigo, e a restituiu generosamente à vida do palco.

Em boa verdade, tratava-se de um capricho. A Juliana, restituída à vida como a filha de Jairo, passou novamente a gosar a vida com a sua habitual avidez. Desempenhou novos papéis que lhe renderam novos triunfos.

E, como seria de calcular, a actriz dava mais apreço do que nunca a essas glórias, à semelhança duma jovem que, após uns dias de cegueira, embebesse o olhar em tôdas as maravilhas da natureza, dando assim o verdadeiro valor à vista preciosa dos seus olhos que estivera para perder. Um belo dia, a Juliana Santos desapareceu. Que não voltou para o convento é ponto averiguado. Por onde teria ido então?

Se ainda viver, deve ter sessenta e dois anos, feitos em 19 de Junho...

Emfim, eclipsou-se... Respeitemos o mistério...

O rei das selvas

SEGRÊDOS DA SELVA

PROEZAS DE JÚLIO GÉRARD

Como êle entendia os leões — e os matava

*A*PESAR *de terem decorrido muitos anos, quási um século, a temeridade de Júlio Gérard — o famoso caçador de leões — ainda hoje é evocada com veneração. Tendo partido ainda jovem para as adustas paraens da Argélia, dedicou-se tão afincadamente a dar caça ao rei das selvas que durante onze anos conseguiu abater vinte e cinco majestosos exemplares.*

Eis um dos mais curiosos relatos das suas proezas:

O leão subiu pausadamente a escarpa do valado e parou à entrada da clareira, à distância de onze passos do ponto em que eu estava.

Apresentou-se-me completamente de face, oferecendo-me como excelente ponto de mira, a espaçosa fronte. Por duas vezes abaixei a carabina, apontando-lhe entre os olhos, duas vezes comprimi ligeiramente o gatilho com o dedo, sem desfechar, o que me causou o maior prazer.

Havia dois anos que não tinha visto um leão tão grande, tão belo e tão majestoso... Se tivesse desfechado, tê-lo-ia morto, antes de o poder examinar à minha vontade!

O que é um leão morto? O mesmo que um homem num caixão funerário. A beleza sem vida — a fealdade!

E depois, se é verdade que o viver é sentir, onde e quando poderia eu encontrar emoções semelhantes, senão num tal encontro, num lugar como aquele, e àquela hora?

O nobre animal, como se tivesse compreendido o meu pensamento, deitara-se, e, depois de cruzar as enormes patas, apoiara nelas a cabeça como num travesseiro.

Sem dar a menor atenção à cabra, paralizada pelo medo, examinava-me com interêsse, ora piscando os olhos, o que lhe dava um ar de benignidade, ora abrindo-os completamente, o que, a meu pesar, me fazia segurar melhor a carabina. Entretanto, parecia estar dizendo consigo mesmo:

— Há pouco, vi nesta clareira, uns poucos de homens, e uma cabra; os homens foram-se, e a cabra ficou só. Chego, e encontro próximo dela um outro homem vestido de azul e encarnado, como nunca vi nenhum, e que, em vez de fugir à minha chegada, olha para mim, como se quizesse falar-me.

Depois, por momentos, enquanto as sombras do crepúsculo invadiam a clareira, parecia ainda acrescentar:

— A hora do jantar aproxima-se; o que deverei comer? a cabra ou o homem vermelho? O carneiro de ontem valia muito mais do que esta cabra; mas os carneiros estão longe. Os homens vermelhos são, talvez, bons em geral, mas êste parece-me magro.

Esta última reflexão pareceu determinar-lhe a escôlha, porque se levantou com ar decidido, e avançou três passos, olhando para a cabra.

Com a arma à cara, e o dedo no gatilho, eu seguia-lhe todos os movimentos, pronto a disparar no momento oportuno. Por duas vezes fingiu que saltava sôbre a presa, agachando-se como fazem os gatos.

Lembrei-me, de repente, que a corda que prendia a cabra, o inquietara, compreendendo logo em seguida que desconfiara do laço. Via-o caminhar dum para o outro lado, na orla da clareira, mostrando-me os dentes, tôdas as vezes que parava.

O divertimento ia-se tornando sério;

Frente a frente (gravura de G. Doré)

portanto era preciso acabar com êle. Aproveitando o momento em que êle se me apresentava de lado, a doze passos, e junto do valado, cravei-lhe uma bala em cheio na espádua, e, acto contínuo, enquanto se estorcia, soltando terríveis rugidos, uma outra no jôgo da mesma espádua.

Atravessado quási de lado a lado, por aquelas duas balas de ponta de aço, foi rolando como uma massa inerte até o fundo do barranco que era defendido pelo valado.

Enquanto tornava a carregar a carabina vi os meus batedores, e o *spahi*, que corriam para mim. Dirigi-me com êles ao sítio em que tinha ferido o animal, e descobrimos no meio de muito sangue os sinais das garras, pelas diligências que fizera para tornar a subir o valado, depois de ferido.

Os meus três companheiros, persuadidos de que o leão estava morto, tinham-se dirigido para os lugares mais elevados, afim de chamar gente que os ajudassem a levá-lo.

Por mim, fui seguindo o rasto do sangue, pela beira do valado, em que o leão caíra muitas vezes, e encontrei os sinais da sua entrada numa grande moita, muito espessa e quási impenetrável, a uns vinte passos da clareira.

A fim de saber, sem demora, o que deveria fazer, atirei com uma pedra para o meio da moita. Tive em resposta, partindo do centro do mato, um rugido surdo, gutural, meio queixoso, meio ameaçador — um rugido que denunciava agonia. Aquele rugido gelou-me o coração, trazendo-me à memória aquele outro do leão de Majiz-Amar que, havia seis anos, numa circunstância análoga, tinha mutilado à minha vista, e apesar das minhas balas, o meu *spahi* Rostain, e dois árabes.

De joelhos junto da moita, procurei vêr através da sua espessura, mas a vista não pôde distinguir coisa alguma para além dos primeiros ramos tintos pelo sangue do animal.

Depois de ter marcado o sítio por onde o leão entrara, para que depois o pudesse reconhecer, se me fôsse necessário, dispunha-me a retirar, quando chegaram junto de mim o meu *spahi*, os dois batedores e quatro árabes armados.

Em vão pretendi impedi-los de penetrar na moita, onde, segundo diziam, o leão devia estar morto. Em vão lhes observei que tinha tôda a certeza de que ainda vivia, que seria impossível vê-lo antes dêle saltar sôbre um de nós, e que seria inevitável a desgraça, se ali fôssemos a semelhante hora, tanto mais tendo eu a maior certeza de que o encontrariam morto no outro dia de manhã. Os imprudentes, como única resposta, estenderam no chão os albornozes, e convidaram-me a que me sentasse enquanto êles não voltavam.

Passados dois minutos, tinha-me desembaraçado da parte do meu vestuário que poderia prender-me os movimentos, e armara Amar-Ben-Sigha com a minha carabina Lepage, e o Bil-Kassem com um par de pistolas, e o meu *spahi* com uma espingarda que deveria conservar carregada, acompanhando-me passo a passo.

Depois de lhes ter recomendado que seguissem tão juntos de mim tanto quanto o permitisse a espessura do mato, penetrei nele, juntando-se ainda a nós Mr. Rodenburgh, que acabava de chegar, e teimara em tomar parte na acção, apesar do perigo que, como lhe assegurei, poderia correr.

Quando tinhamos caminhado uns quinze passos, seguindo o rasto do sangue, achámo-nos numa pequena clareira, onde se perdia qualquer rasto.

Anoitecia, e, por conseqüência, a nossa investigação tornava-se cada vez mais perigosa, visto que, dali a pouco, não se distinguiria coisa alguma.

Júlio Gérard

Para ganhar tempo, cada um tratou de procurar do seu lado o sangue do animal, cujos vestígios perderamos, sem que, todavia, ninguém deixasse a clareira para entrar no mato.

De repente, por imprudência, disparou-se a espingarda de um dos árabes, mas sem que resultasse qualquer incidente.

O leão rugiu a muito pouca distância, vindo todos agrupar-se junto de mim, com excepção de Amar-Ben-Sigha que, ou por inexperiência, ou por demasiada confiança em si, fôra encostar-se a uma árvore, a seis passos de nós.

Apenas o leão apareceu à entrada da clareira, de bôca desmesuradamente aberta, e a crina eriçada, oito tiros se dispararam ao acaso, e nenhum lhe acertou.

Antes que o fumo de tôda aquela pólvora inutilmente queimada, se tivesse dissipado, e em menos tempo do que o necessário para o escrever, Amar-Ben-Sigha, que também disparara, foi lançado a terra, a carabina escavacada, o braço e a perna direita triturados, e no momento em que eu corri em seu socôrro, vi desaparecer-lhe a cabeça dentro da bôca do leão que observava os canos da minha carabina abaixando-se sôbre êle, tocando-lhe quási a crina, mas sem que por isso largasse a presa que tinha recolhido.

Sua Majestade, o Leão

Receando ferir a cabeça do desgraçado Amar, atirando à do leão, apontei-lhe do lado do coração, e desfechei.

Amar-Ben-Sigha, sôlto, rolou a meus pés, aos quais se agarrou com tanta violência que quási me fez cair. Por sua vez, o leão, com o lado apoiado aos ramos que estalavam com o seu pêso, não caíu ainda daquela vez.

Apontei-lhe à fonte, puxei o gatilho, e a bala não partiu. Era a primeira vez que, durante seis anos, a minha carabina falhava! O leão despedaçava o mato com os dentes e com as garras, rugindo, e estorcendo-se nas convulsões da agonia, a um passo distante de mim, e quási sôbre o corpo de Amar que gritava como um possesso.

....

A minha segunda espingarda estava descarregada. O imprudente a quem a tinha confiado fizera fogo como os outros, deixando-nos assim à mercê do leão que, felizmente para nós, morreu naquele momento.

Eis outro caso que o intrépido caçador nos revela àcêrca de um leão que ferira e continuava a perseguir:

Caminhando com precaução e sempre pronto a fazer fogo, tentava em vão descobrir-lhe o rasto, porque o solo era rocha viva, e o animal já não perdia sangue.

Começara a andar em torno do mato, quando o meu guia me disse:

— A morte não quere nada contigo, pois passaste tão perto do leão, que lhe poderias tocar. Se os teus olhos se tivessem encontrado com os seus, serias morto, mesmo antes de poderes fazer fogo.

Mandei-lhe então que atirasse algumas pedras para o sítio em que estava o animal. Logo à primeira, abriu-se uma moita, e o leão depois de ter olhado para todos os lados, deu um salto para mim. Estava a dez passos, de cauda erguida, com a juba caída sôbre os olhos, e o pescoço estendido. A perna quebrada, que lhe ficava um pouco atraz, e cujas garras estavam tôdas reunidas em sentido contrário ao natural, dava-lhe um certo ar de cão perdigueiro.

Apenas êle apareceu, sentei-me, ocultando atraz de mim o árabe que muito me incomodava com o seu — *fogo, fogo*, com que se calava de envolta com as suas orações.

Ainda bem não tinha posto a arma à cara, aproximou-se o leão por um pequeno salto de quatro a cinco passos, e que ia provavelmente ser seguido de outro, quando, ferido uma polegada acima do ôlho direito, caíu.

Já o meu árabe dava graças a Deus quando o leão se voltou, poz-se em pé, empinando-se depois sôbre as patas trazeiras, como um cavalo; mas uma outra bala, mais feliz, foi-lhe desta vez direita ao coração, estendendo-o definitivamente.

Ao fazer-se a autópsia do leão em Bona, descobriu-se que a segunda bala se havia embutido no ôsso frontal sem o partir, ficando espalmada com uma espessura de um milímetro.

Afinal, êste destemido caçador que tantas e tantas vezes se salvou nos mais aflitivos transes, veio acabar ingloriamente quando se dispunha a explorar a região de Kong. O barco em que seguia voltou-se afogando-se o intrépido matador de leões.

Com um anátema, o rio em que perdeu a vida, encontra-se na Serra da Leôa...

A' vista da morte (grav. de G. Doré)

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 65

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

APURAMENTOS

N.º 56

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

SILENO
N.º 20

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

PADRE MATOS
N.º 22

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 21, Efonsa

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 23 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan.

QUADRO DE MÉRITO

Silva Lima, 22. — Ti-Beado, 22. — Capitão Terror, 22. — Salustiano, 22 — Rei Luso, 22. — Só-Na-Fer, 22. — Só Lemos, 20. — Sonhador, 20. — João Tavares Pereira, 20. — Lamas & Silva, 18. — Salustiano, 16. — Dr. Sicascar (L. A. C.), 14.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 10. D. Dina, 9.— Lisbon Syl, 7. — Aldeão, 6

DECIFRAÇÕES

1 — Regi-giros-regiros. 2 — Destro-troço-destroço. 3 — Togado. 4 — Proa. 5 Passado. 6 — Desejoso. 7 — Juntamente. 8 — Taboca. 9 — Lágrimas-lamas. 10 — Doçura-Dora. 11 — Magano-mano. 12 — Chibarra-chira. 13 — Coaxo-coxo. 14 — Fixado-fido. 15 — Lisura-lira. 16 — Paulo-paúl-pau. 17 — Adolescêntulo. 18 — Fala-lado-falado. 19 — Depor-porte-deporte. 20 — *Ingente*. 21 — Apolo-alo. 22 — *Maligno-magno*. 23 — Mulher de janela, amora de estrada.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Nessa *série tenho princípio* de ser *prudente*. (2-2) 3.

Lisboa — *Barrabás*

2) Como dizem que faz muito *frio* nas *rochas*, resolvi não levar os *tamancos*. (2-2) 3.

Lisboa — *Kid-Nyo*

3) Acho um prazer tomar com *sossêgo* um *caldo* sem *palavreado*. (2-2) 3.

Lisboa — *Zé da Burra*

METAGRAMA

4) Que *abismo* a minha *casa:* foi a *maior doença* que tudo desgraçou! (3-4).

Lisboa — *D. Solidão*

NOVÍSSIMAS

5) Êste *arbusto*, (*) *aqui*, é tão *áspero como a lixa*. 3-1.

Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C)*

(*) *euforbiáceo do Brasil.*

6) Não me *tramas* **com** a pregunta, nem verificas o *estenderete*... 2-1.

Lisboa — *Lisbon Syl*

7) O *porco* juntou-se uma vez ao *rato do campo*, e ambos intrujaram um *grande tolo*. 1-3.

Luanda — *Ti-Beado*

SINCOPADAS

8) De facto, ser *pessoa irrequieta* é o seu único *defeito*. 3-2.

Lisboa — *D. Aurora*

9) A *hortaliça* alimenta as pessoas de bom «*govêrno*». 3-2.

Luanda — *Ti-Beado*

10) Para o borracho *o essencial* é a *bebedeira*. 3-2.

Lisboa — *Zé da Burra*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

11) Quando no destino li
Da vida o meu triste fado
De-repente conheci
Andar na vida *enganado*.

Lisboa — *Kardónis*

MEFISTOFÉLICA

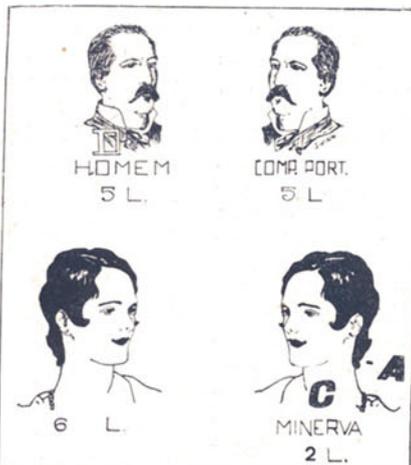
12) Quando a tua *voz* divina
Exibes em qualquer *parte*,
Que *notável* és! Domina
Todo o Mundo a tua arte! — (2-2) 3

Lisboa — *João Ninguém*

METAGRAMA

13) Recostado no meu carro,
Caminhando devagar,
Dei largas ao pensamento,
Entrei a *devanear*...

O carrinho foi marchando...
Comecei a *imaginar*
Que era cinema e não vida
Meu passeio de encantar!

Mas, de-repente, que horror!
Foi o meu carro estampado
Contra um poste e eu fiquei
Em miserável estado!

Estou de cama em minha *casa*,
Maldizendo o meu desejo,
O passeio, o carro e tudo
Que sucedeu nesse *ensejo*... — (3-4)

Lisboa — *Kid-Nyo*

NOVÍSSIMAS

(À ilustre confrada Yzinha)

14) Longe de ti, meu amor,
Sem a *graça* dêsse olhar, — 1
A vida não tem calor,
Vive-se a vida a chorar...

As saudades de *falar* — 1
Da nossa vida futura
Só me fazem *soluçar*
E maior a desventura.

Ai volta breve, querida,
Tem pena de mim, tem dó,
Que é maior e mais sentida
A mágoa de viver só!

Lisboa — *Elsa*

15) Tanto o teu rosto me *irrita*, — 4
Que, meu amor, nem te vejo
Quando outra cara bonita
Me inspira novo desejo.

Tens *pena*, bem sei, querida, — 1
Só porque me queres tanto,
Coisas desta negra vida
— Amor, torturas e pranto!

E eu sinto mágoa, acredita,
E de mim chego a ter mêdo!
Mas se não faço esta fita,
Fico fulo — fico *azêdo*...

Lisboa — *Timpanas*

(Para a Yzinha)

16) *Logo que eu te não vejo*
Uma tristeza me invade,
Intensa como a saudade,
Zelosa como o desejo!

Quando *a* noite nos separa — 1
Novo dia então almejo,
Porque *a* minha vida para — 1
Logo que eu te não *vejo!*

Sem o calor do teu peito,
De tão terna suavidade,
À noite, quando me deito,
Uma tristeza me invade!

Se te beijo com fervor,
Mais se renova a vontade
De te beijar, meu amor,
Intensa como a saudade!

Tua bôca tentadora,
Que ao acordar tanto invejo,
Será sempre, a tôda a hora,
Zelosa como o desejo!

Lisboa — *Ziúl*

SINCOPADAS

(Ao preclaro confrade João Ninguém)

17) João Ninguém! Meu amigo:
Previno-te que contigo
De acôrdo não posso estar.
Chamar «trindade sagrada»
A' mulher, marido e criada,
Não. Não posso concordar.

— Inimiga indispensável —
Desculpa, não sou amável,
Mas assim chamo à criada.
E numa santa união
Em que entra o coração
Não há «*meio*» de ter entrada!

Se te sentes descontente
Por ficarem dois sòmente
E te julgares infeliz,
Terás sagrada trindade,
Com Amor e Amizade,
Mandando vir... um petiz!... — 3-2

Lisboa — *Yzinha*

TRABALHOS DESENHADOS

18) ENIGMA FIGURADO

LISBOA — BIBI (ABEXINO)

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

COMICIO ANTI-COMUNISTA

A grandiosa e entusiástica manifestação que constituiu o comício anti-comunista, celebrado na noite de sexta-feira passada, na Praça do Campo Pequeno demonstrou eloqüentemente que o povo português está contra as ideias e os meios de acção do internacionalismo moscovita. Apresentamos três aspectos dessa imponente demonstração de fé patriótica: Manifestação dos Sindicatos junto do Monumento dos Restauradores. Ao centro: a chegada dos Sindicatos Nacionais do Algarve, com os seus estandartes, à estação do Terreiro do Paço. Em baixo: um aspecto geral do comício.

HUMORISMO

Um fidalgo arruinado deixou de pagar durante alguns meses os ordenados ao criado que o servia. Êste, vendo que o tempo ia passando, e receando que a dívida subisse a uma quantia tão elevada que não pudesse ser paga por muito boa vontade que houvesse, resolveu exigir o pagamento integral das suas soldadas.

O fidalgo, mostrando-se surpreendido com aquela exigência, respondeu:

— Sossega, homem, que não has de perder nada... O teu ordenado vai correndo...

— Vai correndo, vai, sim, senhor — retorquiu o criado — mas eu é que receio que côrra tanto que não possa apanhá-lo.

■

Uma senhora tinha uma criada que tôdas as vezes que ia à rua se demorava muito, desculpando-se sempre que havia muita gente no talho, na padaria, na mercearia, de maneira que custava chegar a sua vez.

Morrendo um gato lá em casa, a senhora mandou a criada deitá-lo ao rio que ficava a dois passos. Como sempre, a criada demorou-se umas poucas de horas.

— Onde demónio te demoraste tanto? — preguntou a senhora com mau semblante.

— Ai! minha senhora, deixe-me cá... Era tanta gente a atirar gatos ao rio que levou imenso tempo a chegar a minha vez.

Num aviário, o patrão pregunta ao empregado:

— *Já fôste dar o almôço ao rouxinol que temos na varanda do telhado?*
— *Não senhor, nem é preciso. Ficou lá o gato.*
— *Imbecil! eu falo-te no almôço do rouxinol e não no gato.*
— *E que a estas horas, tanto o rouxinol como o gato já devem estar almoçados.*

■

Uma linda rapariga suplicava a seu pai que lhe permitisse casar com o rapaz que muito amava. Como êste casamento não conviesse aos interesses do pai, êste tentava dissuadi-la o mais filosòficamente possível:

— Olha, minha filha, repara que S. Paulo diz que é *bom* casar, mas que é *melhor* não o fazer.

— Seja assim, meu pai. Mas também não devemos ser egoístas: façamos nós o que é *bom* e deixemos o que é *melhor* para os outros.

■

Viajando um indivíduo pela Irlanda, visitou um convento em cuja igreja lhe mostraram diferentes relíquias, vendo-se entre elas dois crânios, um dos quais deveria ter pertencido a um homem já de idade e o outro a uma criança. Tendo o viajante preguntado ao cicerone que o acompanhava de quem eram os dois crânios, obteve esta resposta:

— A S. Patrício.

— Os dois?! Mas quantos crânios tinha o santo?...

— Eu lhe explico — rematou o cicerone atrapalhado, mas não querendo dar o braço a torcer — o grande era de S. Patrício quando homem, e o pequeno do mesmo quando era menino.

■

Numa aula, o professor disserta sôbre o oxigénio:

— O oxigénio, senhores, sem o qual não podemos viver, foi descoberto há um século.

— Se assim é — pregunta um dos alunos — como é que se vivia antes?

■

Um indivíduo, tão presunçoso quão ignorante, encarregou um grafólogo de estudar-lhe a escrita, e assim classificar o seu carácter.

Um amigo, desejoso de saber o resultado, preguntou-lhe:

— Então o que apurou o mestre, em face da tua letra?

— Alguma coisa se apurou. Pelo talhe do *h* com que escrevi a palavra *elefante*, adivinhou logo que eu não percebia patavina de ortografia.

■

— Se os homens fôssem anjos! — dizia uma solteirona romântica a uma sua amiga — que feliz seria esta vida!

— Pois olha, minha querida — respondeu a outra também solteira — cá por mim julgo que todos os homens que se me declararam eram anjos.

— E porquê?

— Ai, amiga da minha alma, porque todos êles voaram!...

■

Um indivíduo tão avarento como estúpido, começou a fazer tais economias em casa que a mulher, não o podendo suportar, desabafou desta maneira:

— Mas afinal a quem queres deixar o que tanto economisas? Não temos filhos...

— Então que tem isso? economiso para os nossos netos.

■

Num exame:

— Então não sabe dizer-me o que é a côr? Estou convencido de que sabe... o que lhe falta é a melhor forma de explicar-se. Ora vamos a vêr... Êsse fato que o menino traz vestido de que côr é?

— E' preto.

— Muito bem. E porque é preto?

— Porque minha mãi o mandou tingir na semana passada.

A bordo dum barco de pesquisas, o comandante para o marujo, em ligação telefónica com o mergulhador:

— *Dize-lhe que suba.*
— *Já lhe disse, mas nega-se terminantemente.*
— *Porquê?*
— *Diz que enquanto chover assim, não sobe. Tem mêdo de constipar-se.*

VIDA ELEGANTE

Veraneios mundanos

EM CASCAIS

A linda praia de Cascais, antiga praia da Côrte, continua marcando pela elegancia, havendo quási quotidiamente almoços-pic-niques na praia da Conceição, em que tomam parte as principais famílias que ali se encontram passando o verão, bem como nos Estoris.

EM SINTRA

A animação em Sintra, a bela estância dos arredores da capital, continua êste ano marcando pela animação e elegância, sôbre tudo no Hotel Costa, onde quási tôdas as tardes se realisam animadas partidas de «mah-jong», «bridge» «bluff». Estão também em organisação vários passeios-pic-niques, a vários pontos dos arredores, devendo o primeiro realisar-se brevemente ao Convento dos Capuchos.

Banquete de homenagem

Em honra do sr. dr. Augusto Rebelo Arruda, delegado da Sociedade «Terra Nostra», foi oferecido por iniciativa de um grupo de amigos, um banquete de homenagem que se efectuou no Café-Restaurante Tavares, ao qual fôram convivas as sr.as D. Maria Lamas, D. Maria Horta e os srs. visconde de Botelho, D. Nuno de Almada e Lencastre (Soto d'El-Rei), dr. Marques Guedes, dr. Carlos Tavares, dr. Armando Cancela de Abreu, dr. Armando Gonçalves Pereira, dr. Felix Machado, dr. Alberto Madureira, dr. Eduardo Dias, Guilherme Cardim, engenheiro Abel Pereira Coutinho, engenheiro Pacheco, engenheiro José António Maria Cardoso, engenheiro António Maria Fernandes, Luís Pastor de Macedo, Alberto Tota, Amandio Caiola Zagalo, Artur da Silva Rebelo, Armando Vilar, Virginio Soares, Guilherme de Barros Pereira de Carvalho, Gustavo de Matos Sequeira, Jorge Vicente de Carvalho, Eduardo de Abreu, António Alves e Luís Lupi, tendo-se no final trocado afectuosos brindes.

Casamentos

Na capela da Quinta da Aveleda, em Penafiel, realizou-se com extraordinário brilhantismo, o o casamento da sr.a D. Maria Tereza Van-Zeler Guedes da Silva da Fonseca, gentil filha da sr.a D. Maria Helena de Sousa Barros Van-Zeler Guedes da Silva da Fonseca e do sr. Fernando Guedes da Silva da Fonseca, com o sr. António Manoel do Amaral Passos de Sousa Canavarro, filho da sr.a D Amália de Cabral Metelo do Amaral Canavarro, já falecida e do sr. dr. João Passos de Souza Canavarro, tendo servido de madrinhas as tias da noiva sr.as D. Maria do Carmo Henriques de Lencastre Van-Zeler e D. Maria do Carmo Van-Zeler Pereira Palha, e de padrinhos os srs. dr. José Cabral Metelo do Amaral, e João do Amaral Passos de Souza, respectivamente tio e irmão do noivo, presidindo ao acto o abade de Penafiel, reverendo Alcino Gonçalves de Azevedo, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Serviram às «lavandas» os srs. conde de Almada e Abranches, visconde do Torrão, dr. António Cabral da Silva Torres, e dr. José Cabral Metelo do Amaral.

Terminada a cerimónia foi servido no salão de mesa do elegante palacete da Quinta da Aveleda, um finissimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Em Aldoar, realizou-se na igreja paroquial, presidido pelo reverendo prior de Santo Ildefonso, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.a D. Maria Regina Correia de Serpa Pinto, interessante filha da sr.a D. Aurora Basto Correia de Serpa Pinto e do sr. Hernani de Serpa Pinto, já falecido, com o sr. Augusto de Freitas Spratley Pinto da Silva, filho da sr.a D. Adelina de Freitas Spratley Pinto da Silva e do sr. Augusto Spratley Pinto da Silva, servindo de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o tio materno do noiva sr. Adolfo Bastos Correia e o pai do noivo.

Serviram de «damas de honor» as sr.as D. Maria Cecilia e D. Maria Aida Serpa Pinto Esteves de Oliveira, D. Maria Ana da Fonseca Carvalho e Almeida, D. Cristina North, e D. Maria Izabel Spratley Pinto da Silva, e de caudatarios os meninos Maria Rui da Rocha Leite de Serpa Pinto e António Carlos Serpa Esteves, conduzindo as «alianças» a menina Maria Helena Serpa Esteves.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da mãi da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Realizou-se na paroquial do Santo Condestável, à rua do Patrocinio, o casamento da sr.a D. Natália Lisboa Desiré Bonnard, gentil filha da sr.a D. Luiza Amélia da Conceição Lisboa Bonnard e do sr. Augusto Desiré Bonnard, já falecido, com o sr. António Augusto Rodrigues Branco, filho da sr.a D. Maria Bastos Carrelo Branco e do sr. José Rodrigues Branco, tendo servido de padrinhos por parte da noiva sua irmã a sr.a D. Iréne Augusta Desiré Bonnard Carvalho da Costa e seu cunhado o sr. António Taveira Carvalho da Costa, e por parte do noivo seus tios a sr.a D. Miquelina Pereira Carrelo, e o sr. António Simões Carrelo.

— Pelo sr. António Alvaro Diegues, foi pedida em casamento para seu filho Artur, a sr.a D. Marilia Amarilis Teixeira da Costa Pinto Rosa, interessante filha da sr.a D. Izilda Teixeira da Costa Pinto Rosa, e do sr. Júlio Pinto Rosa, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

— Na paroquial de Santos-o-Velho, efectuou-se o casamento da sr.a D. Maria da Madre de Deus Oliveira Santos, gentil filha da sr.a D. Eufemia Oliveira Santos e do sr. José Rafael Santos, com o sr. Fernando Serra, filho da sr.a D. Januaria Maria Serra e do sr. Carlos Serra, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Mariana Vieira e D. Berta dos Santos Marcelino e de padrinhos os srs. Braz Vieira e Amilcar Fidansa Marcelino.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a-quem fôram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o Estoril, onde fôram passar a lua de mel.

— Realizou-se na paroquial da Vitória, no Pôrto, o casamento da sr.a D. Moussette Gonçalves Braga, interessante sobrinha da sr.a D. Maria da Glória Gonçalves Braga e do sr. Aureliano Gonçalves Braga, com o sr. Anibal Martins Soares, filho da sr.a D. Tereza Candida de Jesus Soares e do sr. José Martins Soares, servindo de padrinhos por parte da noiva seus tios e por parte do noivo seus pais, presidindo ao acto o abade dos Clerigos, reverendo Joaquim Esteves Loureiro, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia durante a qual o Grupo Coral de Nossa Senhora da Assunção, se fez ouvir em vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência dos tios e padrinhos da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Para o sr. Augusto Soares da Silva, filho da sr.a D. Tereza Pinheiro da Silva e do sr. Manoel Soares da Silva, já falecido, foi pedida em casamento no Pôrto, pelo distincto major médico sr. dr. Manoel Ruiva da Fonseca, a sr.a D. Silvina Rosa de Castro, gentil filha da sr.a D. Bernardina Rosa de Castro e do sr. Silvino Castro Ferreira, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

Baptisados

Realizou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o baptisado do menino Carlos Manuel, gentil filhinho da sr.a D. Alice da Fonseca da Silva Magalhães e de Carlos de Magalhães, tendo servido de madrinha a sr.a D. Maria Adelaide Silva Carvalho e de padrinho o sr. Manuel da Silva Carvalho.

— Na paroquial do Coração de Jesus, realizou-se o baptisado do menino Victor Manuel, interessante filhinho da sr.a D. Margarida da Conceição Ferreira e do sr. Alvaro Marques Ferreira, servindo de madrinha a sr.a D. Maria Marques da Costa e de padrinho o sr. Manuel Jesus da Silva.

— Efetuou-se na paroquial da Encarnação, o baptisado do menino Fernando Gustavo, gentil filhinho da sr.a D. Maria Ana de Cabedo Garcia de Falcão Machado e do sr. dr. Fernando Falcão Machado, tendo servido de madrinha a sr.a D. Ana Garcia Peres e de padrinho o sr. Francisco Pulido Garcia, tio do recem-baptisado, presidindo ao acto monsenhor António Miranda de Magalhães, da Sé de Loanda.

Nascimentos

No Pôrto, teve o seu bom sucesso, a sr.a D. Maria Helena Pamplona Homem de Melo, esposa do sr. dr. Pedro da Cunha Pimentel Homem de Melo. Mãe e filho estão de perfeita saude.

— A sr.a D. Rosa Maria Perdigão, esposa do distincto oficial da armada, sr. João Alberto Perdigão, teve em Coimbra, na residência de seu sogro, o sr. João Marques Perdigão, o seu bom sucesso. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

D. Nuno.

Casamento da sr.a D. Beatriz Ilda Coelho Lloyd, com o sr. António José Soeiro da Silva. Os noivos e convidados á saída da paroquial de S. Sebastião da Pedreira

(Foto Melo).

Bridge

(Problema)

Espadas — 8.
Copas — 10, 7
Ouros — R. 7.
Paus — 4, 2.

Oeste		Este
Espadas — V, 7, 5.	N	Espadas — R. 9.
Copas — 8, 5.	O E	Copas — 6.
Ouros — A. 4.		Ouros — D. 6, 5.
Paus — — — —.	S	Paus — A.

Espadas — A. D. 3.
Copas — 4, 2.
Ouros — — — —.
Paus — 5, 3.

Trunfo é copas, *S* é mão. *N* e *S* devem fazer seis vasas.

Solução do número anterior.

S joga o Rei de copas, *O* o Az de copas, *N* o Az de espadas e *E* o 3 de copas.

N joga o 2 de espadas, *S* faz a vasa e destrunfa, descartando-se *N* a 2 de paus e Az de ouros.

E não tem forma de se baldar sem firmar o naipe de paus de *N* ou ouros e copas de *S*.

Se na 1.ª vasa *O* não entra do Az de copas, *N* balda-se a paus ou ouros.

S joga o 6 de copas que *N* corta com o Az de espadas e tçunfa com o 2 de espadas.

S destrunfa e novamente *E* não pode defender os seus naipes.

Uma divisão singular

(Solução)

Treze pode dividir-se em dois números iguais, sem fracção, da seguinte maneira: XIII torna-se em XI e II (isto é II, porque em letra de imprensa a letra I não se distingue do algarismo 1.

A vingança do velho turco

Um velho turco que habitava uma pequena aldeia de Ankhara estava de relações cortadas com todos os seus visinhos. Possuía um génio detestável e ninguem, no sitio, lhe dirigia a palavra.

Ora um belo dia, a aldeia inteira, composta de umas trinta casas foi invadida por insectos de todo o género: pulgas, formigas, bichos de conta, aranhas, etc., que entravam por todos os lados e ali se instalavam. Em vão os desgraçados turcos haviam tentado defender-se contra semelhante invasão. Em breve, se viam forçados a desistir. A quantidade era excessiva!

Tratou-se, porém, de investigar donde aquilo vinha e soube-se que o velho turco, se dedicára, havia algum tempo, a uma criação intensiva de insectos no seu jardim, o qual ele transformára numa imensa gaiola de madeira onde milhões de parasitas se reproduziam com uma rapidez extraordinária, dando-lhe ele, de vez em quando, a liberdade!

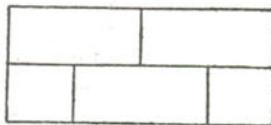
Facto curioso: só a casa do velho turco é que não fôra invadida. Ele tivera o cuidado de a cercar dum regato artificial que a punha ao abrigo dos inimigos.

As cerimónias do casamento

A maior parte das praxes que acompanham a cerimónia do casamento são uma reminiscência das épocas primitivas, quando o homem que desejava casar raptava a sua amada e não voltava para a tribu sem ter obtido o consentimento dos parentes. O padrinho pode considerar-se o representante do amigo que ajudava o guerreiro selvagem a apoderar-se da mulher. O anel simbolisa as ligaduras com que esta era atáda para que não pudésse voltar para a casa paterna, e a lua de mel indica o tempo que o raptor vivia afastado do mundo, acompanhado apenas pela esposa, até que conseguisse juntar bens suficientes para indemnisar os pais do roubo da filha.

O cruzamento das linhas

(Problema)

Trata-se de traçar uma linha que atravessa cada secção da linha do diagrama uma vez e só uma vez. Não há impedimento em que a linha

cruze o seu próprio curso, contanto que obedeça a esta condição.

Queiram os nossos leitores dar-se ao trabalho de descobrir se será possível êste problema ter uma solução completa e caso contrário qual o menor número de secções de linha terão de ficar por cruzar?

Qual a origem dos botões?

O botão não foi nos seus princípios o que é agora, mas sim um simples adôrno, um ornato às vêses trabalhado com arte, gravado ou coberto de pedraria. Na antiguidade, os fatos abotoavam-se por meio de broches ou de colchetes, e a prova de que se não empregou outro sistema é que nas pinturas do século XIV e anteriores vêem-se fatos com botões mas sem casas.

Como elemento de ornamentação, os botões apareceram no Europa nos começos do século X, e no século XVI principiaram a usar-se para fechar os vestidos. Ao princípio faziam-se de madeira ou de osso; depois, de prata, de ouro e outros metais e por fim vieram os botões forrados de pano.

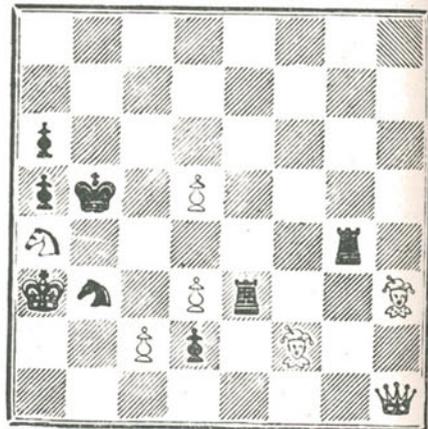
Na França e na Austria fizeram-se pela primeira vez os botões de louça e em Bérningham (Inglaterra) os de metal, alguns dos quais se faziam com facêtas para imitar diamantes.

Em Espanha tiveram grande aceitação os botões com incrustações de pedras finas entre os ricos e de vidro de côr entre a classe média.

Como facto curioso, merece recordar-se que em 1721, o rei Jorge I de Inglaterra proíbiu nos seus domínios a fabricação de botões de pano, protegendo assim a dos botões metálicos.

Xadrez

(Problema por P. Olbert)

Brancas 8 — Pretas 7

Jogam as brancas e dão mate em dois lances.

Variedades de oiro

O que se entende por oiro verde, oiro amarelo, oiro branco e oiro vermelho?

No seu estado natural, o oiro é, em geral, um metal amarelo e muito brilhante; certos adicionamentos, porêm, que se lhe venham a fazer podem modificar êsse primeiro aspecto.

O oiro vermelho é uma liga de oiro e cobre; o oiro verde, uma liga de oiro e prata; o oiro branco — nome dado primitivamente à platina — é uma variedade de oiro inglês, de três maneiras diferentes, pelo adicionamento de prata e de cobre ao oiro amarelo puro.

Finalmente, existem também várias sub-variedades, especialmente o oiro côr de rosa, registado nas seguintes proporções: 750 miléssimos de oiro, 200 miléssimos de prata e 50 miléssimos de cobre.

O oiro para os objectos de ourivesaria é registado sob três formas: 920, 840 e 750 miléssimos.

Anecdotas

A patrôa (para a cosinheira):

— Olhe lá, vocemecê, julga-se aqui a dona da casa?

— Eu, não, minha senhora.

— Então, faça favor de não proceder, como uma idiota!. . ouviu?...

—:-:—

O director da prisão mandou chamar um dos presos para lhe participar:

— N.º 87, foi-lhe concedida a remissão da pena de 3 anos de reclusão em que tinha sido condenádo.

— Ah! exclamou o preso. — Esta agora é que é o diabo? Quando vim para aqui, sub-arrendei a minha casa por três anos!

—:-:—

— Não imaginas o que me aconteceu ontem! — exclamou um amigo, para o outro. — Sabes aquela rapariga que eu andava namorando ultimamente?

Pois hontem à noite, quando lá cheguei a casa, a mãe dela veio à porta, mandou-me entrar e sem mais nem menos, perguntou-me quais eram as minhas intenções.

— Faço idéa do embaraço em que te encontraste! — respondeu o amigo.

— Pois sim, mas o pior ainda não foi isso. Mal a mãe tinha acabado de falar, entra a rapariga e diz: «O' minha mãe, olhe que não é êsse!»

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — **Alexandre Herculano**, um volume. — **Antero de Figueiredo**, um volume. — **Augusto Gil**, um volume. — **Camões lírico**, cinco volumes. — **Eça de Queirós**, dois volumes. — **Fernão Lopes**, três volumes. — **Frei Luís de Sousa**, um volume. — **Guerra Junqueiro**, verso e prosa, um volume. — **João de Barros**, um volume. — **Lucena**, dois volumes. — **Manuel Bernardes**, dois volumes. — **Paladinos da linguagem**, três volumes. — **Trancoso**, um volume.

Cada volume brochado. . . . . . **12$00**

Cada volume encadernado. . . . **17$00**

Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — — —

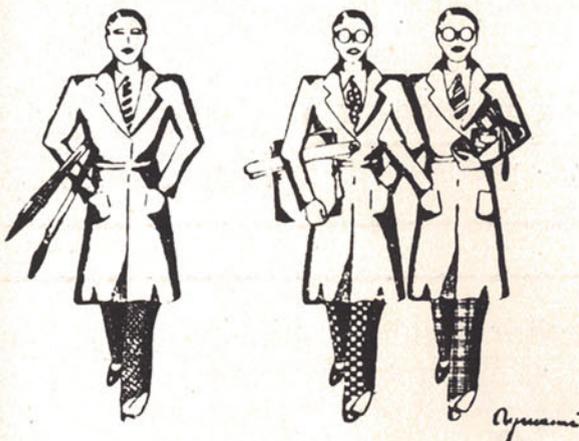
FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

GRAVADORES

IMPRESSORES

TELEFONE 2 1308 **BERTRAND IRMÃOS, L.DA**

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS RESULTANTES DE PROFUNDAS INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte. As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodíaco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

Um livro aconselhavel a toda a gente

A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercicio por dia

O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido para melhorar fisicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoavel, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem estar físicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com 119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8$00**

pelo correio à cobrança **9$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

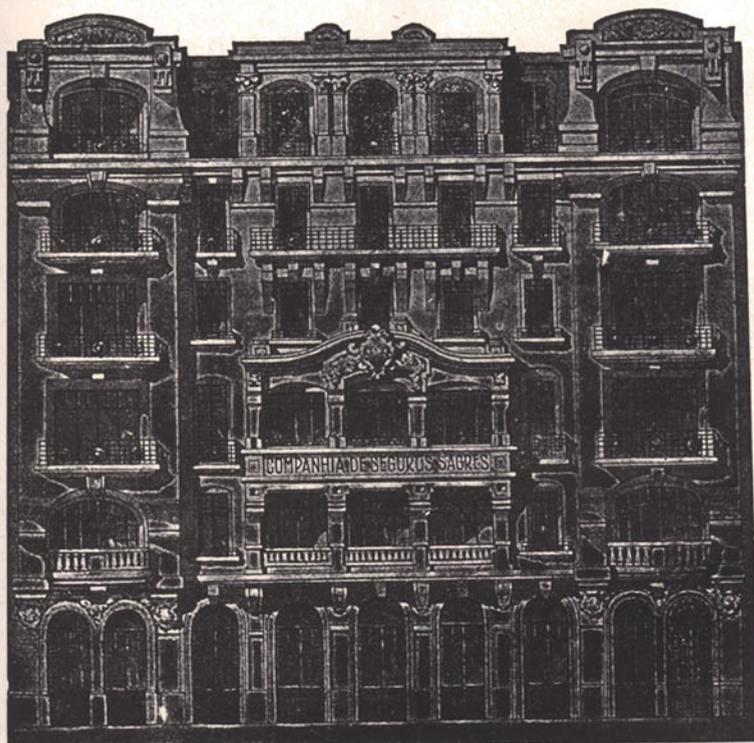
Um livro do grande escritor Aquilino Ribeiro

Quando ao gavião cai a pena

1 vol. de 272 págs. **Esc. 12$00;** pelo correio à cobrança **Esc. 13$50**

Pedidos aos Editores **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

SAGRES

COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA

Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES: 2 4171 – 2 4172 – P. X. B.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000$00

Seguros de vida em todas as modalidades

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
A GARANTIA NA VELHICE

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

ESTÁ À VENDA

a 5.ª edição, 7.º milhar

Recordações e Viagens

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**
Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 320 págs., broch. .... **12$00**
Pelo correio à cobrança .... **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Á VENDA

a 3.ª edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituido por **Afonso Lopes Vieira**

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado........... **15$00**
Pelo correio, à cobrança .... **16$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

PSICOPATOLOGIA CRIMINAL
CASUIDICA E DOUTRINA

Pelo **Prof. SOBRAL CID**
Doutor em medicina pela Universidade de Coimbra — Prof. de Psiquiatria na Universidade de Lisboa

Prefácio do **Prof. Azevedo Neves**

1 vol. de 238 pág., formato 23×15, broc. **Esc. 25$00** = Pelo correio à cobrança **Esc. 27$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

OBRAS
DE
JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br.... ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA
ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são impereciveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160$00
„ „ „ „ carneira 190$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

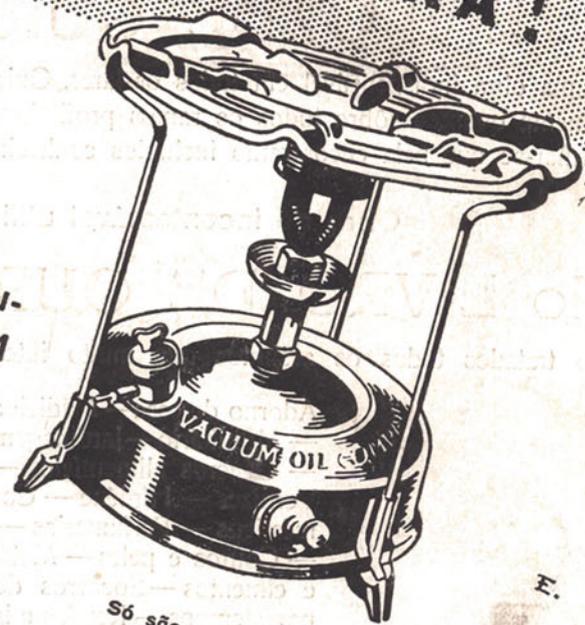
A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Com o seu consumo reduzido o Fogareiro VACUUM é o utensílio mais económico, asseado e rápido que V. Ex.ª pode usar para fazer os seus cozinhados.

Só são fogareiros Vacuum aqueles que teem gravada a marca VACUUM

1542

FOGAREIROS VACUUM